

EDIÇÃO ESPECIAL DO

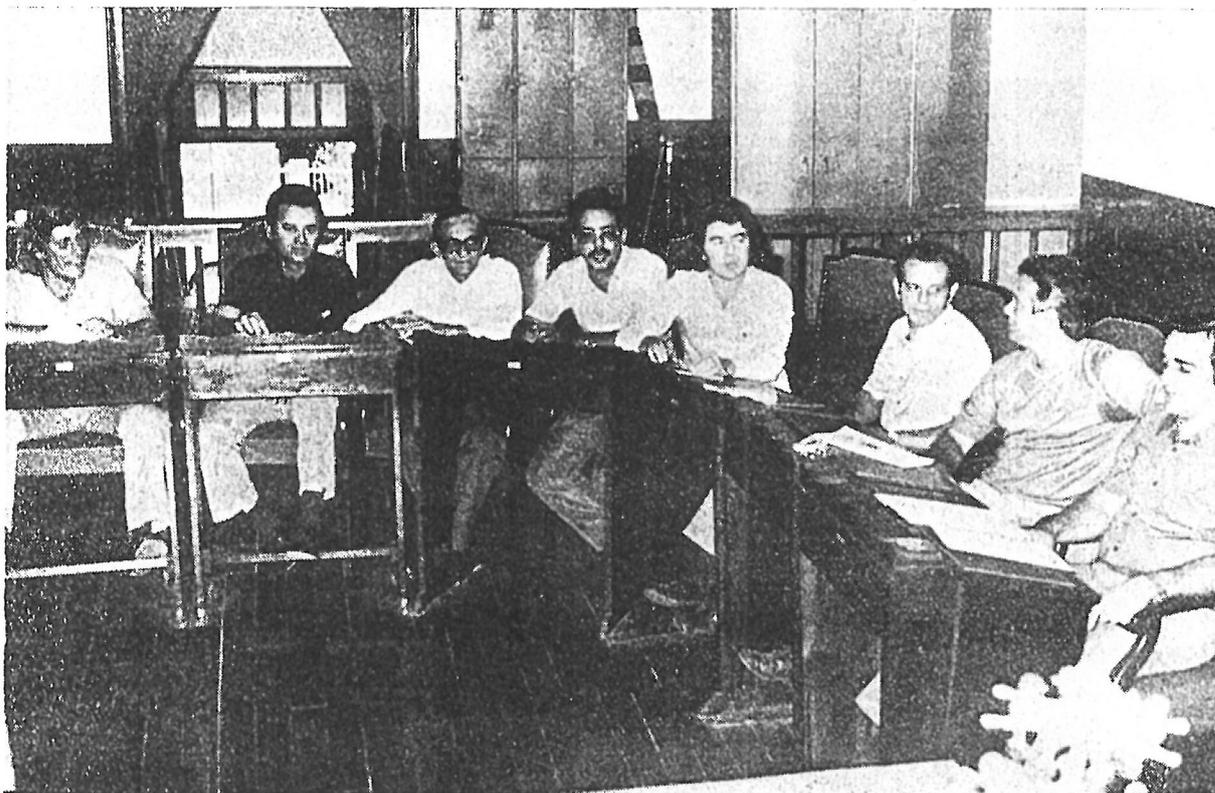
9.º Festival do Folclore

Anuário do Departamento de Folclore, da Comissão Municipal de Folclore e do Museu de História e Folclore.

OLÍMPIA, 13 DE AGOSTO DE 1973 — ANO IV — DIRETOR: JOSÉ SANT'ANNA



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA
COMISSÃO MUNICIPAL DE FOLCLORE



DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Sidiney Furlan - presidente

Egydio Caputo

João Gianotto

Sílvio Roberto Mathias Netto

José Sant'anna - coordenador e assessor

Carlos Roberto Rayel Constantino

José Maria de Jesus Marangoni

Cláudio Martini Gemignani

ANUÁRIO DO FOLCLORE

(ANO IV - AGOSTO DE 1973 - N.º 4)

(ÓRGÃO OFICIAL DO DEPARTAMENTO DE FOLCLORE, COMISSÃO MUNICIPAL DE FOLCLORE E MUSEU H. E FOLCLÓRICO-OLÍMPIA)

Expediente: Rua Bernardino de Campos, n.º 900 - Caixa Postal: 193 - Telefone: 9-3-2 - 15400 - OLÍMPIA - (S.P)



DIRETOR: PROF. JOSÉ SANT'ANNA

Publicado, em agosto, o Anuário do Folclore acolhe artigos dos membros do Departamento de Folclore, da Comissão Municipal de Folclore e do Museu H. e Folclórico de Olímpia, bem como trabalhos solicitados, aos folcloristas brasileiros.

SUMÁRIO

Aplicação do Folclore à Pedagogia
Cultura Espiritual
Rodas Infantis do Brasil
Linguagem Folclórica
O Folclore e a Matemática
Folclore e Literatura Infantil
Folclore e Filatelia
Folclore e Religião
Folclore e Filologia
Folclore e o Museu
Mito e Lenda: Implicações Filosóficas
Civismo e Folclore
Escultura Folclórica
Pesquisa folclórica
Plano de Aula: Folclore
Maratona Folclórica
Noticiário

Os conceitos emitidos em trabalhos assinados são da responsabilidade exclusiva de seus autores.

Nossa capa: Grupo "Cordão de Bichos", de Tatuí, Estado de São Paulo.

Tiragem: 5000 exemplares

Composto e impresso na Gráfica Novo Mundo Olímpia (SP)

Os Folcloristas de Olímpia e os Festivais de Folclore

Rui Barbosa disse: "De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desaminar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto".

Encontramos, realmente, muitos obstáculos e dificuldades e sérios problemas em tudo aquilo que realizamos. Mas, contrariando as palavras do Rui, prefiro ficar com as de Osvaldo Cruz: "Não esmorecer para não desmerecer".

Um pouco de dificuldades, de problemas e de obstáculos é até muito bom. Quando tudo o que desejamos se consegue com facilidade, haverá uma tendência muito grande para perdermos o estímulo, por não haver esforço. Lembremo-nos de que quanto maior for a luta e a dedicação, quanto maior o sacrifício, quanto maior o trabalho, quanto maior a preocupação, tanto maior será o sucesso, tanto mais brilhante a vitória. O nosso sacrifício, o nosso esforço, a nossa luta, a nossa decepção darão à vitória final, maior alegria e verdadeira felicidade.

Por isso, meus caros folcloristas olimpienses, não há problema que a vontade humana não vença, principalmente quando a nossa força de vontade é aliada à fé em Deus.

O 9.º Festival de Folclore aí está.

A vocês cabe desenvolvê-lo, preservar e propagar a cultura popular, honrando Olímpia onde moram, honrando o Estado de São Paulo, honrando o Brasil.

Ao finalizar, gostaria de colocar em destaque a figura do extraordinário folclorista, professor José Sant'anna, timoneiro incansável dos nossos festivais - conseguiu ele vencer todas intempéries e colocar em lugar de destaque, nossa Olímpia, hoje transformada em Capital do Folclore.

Quero também distinguir com uma citação pública, os demais membros da Comissão Municipal de Folclore pelo esforço e luta, pelo desejo veemente de vencer e de obter sucesso.

Desejo a todos os folcloristas a proteção de Deus - de maneira que possam colocar os tesouros de bondade e de cultura a serviço de um ideal de beleza e de paz. E lembrem-se desta quadrinha folclórica:

"Quando se tem a certeza
de ter cumprido um dever,
mesmo os insultos mais vis
nobres prêmios podem ser".

Capital do Folclore, agosto do ano de 1973

DR. ALFONSO LOPES FERRAZ
prefeito municipal

Aplicação do Folclore à Pedagogia

Saul Martins

(Da Universidade Federal de Minas Gerais)

Para ajustar-se a um tipo de sociedade qualquer, toda pessoa terá que seguir normas de comportamento aceitas no grupo.

Oficialmente, a educação se faz através da escola, onde se realiza a troca da mais notável mercadoria do mundo - a cultura: o educando leva para a escola os padrões; imagens e modelos já consagrados, sancionados pela tradição e que aprendeu em casa ou na rua; e da escola traz para a família ou vizinhança as experiências básicas mais representativas do desenvolvimento.

O saber adquirido de maneira informal, difusa é o folclórico, sendo grande sua influência na educação, mediante o comércio que acabamos de mencionar, efetuado entre o mundo oficial e o popular.

Os elementos de saber vulgar, ou folclóricos, são a melhor e maior fonte de recursos, de meios para se alcançar a socialização do educando, particularmente a criança:

Pelos enganos, mnemoniais, parlendas e outras curiosas formas lúdicas verbais, ela entra em contato com o idioma, comunica-se e passa a interessar-se pelos relacionamentos humanos.

Mediante ditados ou refrãos, começa a entender os mais elevados conceitos, por exemplo de justiça, felicidade, cooperação, beleza, prudência, honradez, bem estar, bondade e outras abstrações.

Propondo ou decifrando enigmas, leva-se a criança a treinar sua inteligência, desenvolver o raciocínio e ainda alegrar o espírito.

As travalínguas são exercícios de comprovada eficiência para se corrigirem defeitos no falar.

Com emprego de técnicas populares, descobre-se solução adequada para grande parte dos problemas domésticos ou se sobrepõe a muitas dificuldades de natureza econômica, até de saúde, psíquica, ou moral.

Utilizando jogos e folguedos, pode-se levar o educando a uma participação mais ativa no meio social, onde a criança há de exercer, adiante, uma atividade profissional, ganhar um "status", conforme suas aptidões, e afirmar-se como pessoa independente, apta a colaborar a com a comunidade no processo de desenvolvimento humano.

O mundo do folclore é atraente, rico e variado, constitui uma fonte inesgotável de motivação didática sobre ser recreação sadia, permanente e sempre atual.

A educação não pode prescindir do concurso dos elementos folclóricos, diversificados e abundantes, para o bom desempenho de sua prestimosa função na sociedade.

Trecho de uma conferência proferida pelo prof. Rossini Tavares de Lima aos estudantes de Olímpia, em dezembro de 1968.

CULTURA NÃO-MATERIAL, IMATERIAL OU ESPIRITUAL

1 - Usos e Costumes - Nas pesquisas folclóricas como nas antropológicas é um erro avaliar as comunidades em função dos nossos próprios pontos de vista. A propósito conta a antropóloga Virgínia Gutierrez de Pineda: Estudava os índios guajiros e assustou-se com o costume do homem dar dinheiro e uma vaca por uma esposa. Então, uma índia lhe perguntou: E você, quanto custou ao seu marido? A antropóloga respondeu, com superioridade: Nada, pois não somos vendidas. A índia retrucou, pesarosa: Oh!, que coisa horrível! Seu marido não deu nem mesmo uma vaca por você? Você não deve valer nada! E daí por diante, as mulheres da tribo não tomaram mais conhecimento da existência Sra. Virgínia, que teve dificuldades em levar avante sua investigação.

2 - Linguagem - A língua italiana deixou pegadas no falar do Brasil, escreveu Joaquim Ribeiro no excelente livro "História da Romanização da América". Estrepar não é mais que o napolitano "streppare"; afanar só encontra expli-

cação satisfatória no napolitano "effonare". Muito comum no sul do país é o emprego do sufixo "eria" ou "aria", puro italianismo, dando origem aos vocábulos cavalaria em vez de cavalaria; leiteria por leitaria, lavanderia por lavandaria. Segundo ainda o saudoso folclorista, filólogo e historiador, a expressão paulistano é também italianismo, formado com o sufixo "ano", que em italiano tem o significado de "propenienza o appartenenza". Afinal, recorda a interjeição "uh che paura", traduzida ao pé da letra e incorporada à linguagem popular de São Paulo: "oh! que paúra".

3 - Roda Infantil - Penedo Vai, Penedo Vem é mais uma das mais conhecidas e queridas rodas infantis do folclore do Estado do Espírito Santo. Na versão da ilha de Vitória, o texto altera o versinho de quem quer bem para «Penedo está na terra de quem quer bem», alusão à gigantesca pedra que existe à entrada da baía daquela cidade. Conta velha estória capixaba

que em outros tempos, ali perto do Penedo, «quando as ondas estavam quietas e os ventos adormecidos», soava forte e melodioso um búzio encantado. E a música do estranho instrumento de sopro, que parecia sair do mar ou do rochedo, ecoava por todos os cantos do Estado, a recordar um toque de reunir ou de alerta.

4 - Mito - Em Montes Claros, Minas Gerais, Famaleal é descrito como sendo um capetinha, minúsculo, que se guarda dentro de uma garrafa. Conforme a crendice, muita gente possui um Famaleal e por isso acaba enriquecendo, milagrosamente. Há inclusive uma fórmula para se obter o capetinha. Coloca-se embaixo do braço um ovo de franga preta, vinte e um dias antes de sexta-feira da Paixão. Passado o tempo, em lugar de um pintinho, nasce um molequinho preto, com pés de pato, que deve ser colocado numa garrafa e bem arrolhada. A seguir, o seu possuidor deverá pagar ao Diabo com seu sangue todas as sextas-feiras, os juramentos da preciosa relíquia. E tudo lhe correrá bem.

5 - Culto a São Gonçalo - Este santo é originário de Amarante, Portugal. Aí faleceu a 10 de janeiro de 1258, dia que lhe foi consagrado pelos portugueses. Segundo a tradição, era dançador e usava fazer os figurados sobre pregos, como penitência. Por isso, em Portugal e no Brasil, o principal elemento do culto do povo a São Gonçalo tem sido, através dos tempos, a dança. No princípio, dançava-se no interior das próprias igrejas e os cônegos da Sé, na cidade do Porto, não se furtavam de executá-la à frente do altar do milagroso santo. Quem primeiro a descreveu no Brasil foi o francês Le Barbinnais, que a assistiu em 1717. Daí para cá, e com características de casamenteiro das velhas, na imagem mais comum de um santo com viola na mão e chapéu batido na testa, passou a ser cultuado por quase todo o Brasil, com cantos e danças. E na sua específica aparência de instrumentista, o consideramos padroeiro dos músicos do nosso país.

6 - Lenda - Os paranaenses têm no seu folclore a belíssima lenda da gralha azul, a quem devem, segundo tradição do povo, o reflorestamento dos pinheirais. Como se sabe, o principal alimento desse pássaro é o pinhão. E ele, providente como a formiga, costuma enterrá-lo em lugar úmido, a fim de conservar o fruto nos tempos de escassez. Dizem, porém, que Nosso Senhor faz a gralha esquecer o lugar onde enterra o pinhão, para que o Paraná jamais deixe de ser a terra dos pinheirais.

Dessa maneira, a gralha azul concorre para a existência de uma das mais típicas paisagens do Brasil.

7 - Terapêutica popular - Em Restinga, nas proximidades da Franca, foi recolhida por Marina de Andrade Marconi uma receita para dor de amor: Pega-se meio litro de água de paciência, 300 gramas de desespero, 3 goles de lágrimas, 1 colher de ingratidão para dar gosto. Juntam-se 3 colheres de essência de beijos e mistura-se com açúcar de esperança. Põe-se na panelinha do coração, ferve-se no fogo do amor, mexe-se com a colher do esquecimento. Depois de pronto, põe-se na garrafa dos afagos e tapa-se com o véu da sinceridade. Dose: tomar 3 colheres por dia, 1 na hora da saudade; outra na da lembrança e a terceira na hora do perdão.

8 - Atributos dos santos - No trabalho «Religião, Crença e Atitude», publicado no Recife,

Gonçalves Fernandes relaciona nomes de alguns santos, com os respectivos atributos, segundo investigação feita em determinada zona pernambucana. São Bartolomeu guarda a casa dos ladrões e elimina complicações no parto. São Cipriano ajuda a ganhar no jogo do bicho e a conquistar mulheres. São Francisco não deixa faltar comida em casa e afasta animais bravos. São Gabriel e N. S. da Guia fecham o corpo contra malefícios. Santa Sofia cura azia, gastrite, erisipela, sarna. Outros santos são mencionados na relação.

9 - Gestos - «A História dos Gestos», do Prof. Pei, da Universidade da Colúmbia, nos Estados Unidos, revela a existência de 700 mil gestos, espalhados pelo mundo, os quais constituem uma autêntica linguagem. Há, por exemplo, várias maneiras de demonstrar satisfação: beliscando a face e piscando o olho, para o siciliano; beijando os dedos, para o francês; arregalando os olhos, para o colombiano. Para prevenir contra maus fados, o italiano passa a mão em um pedaço de ferro e o brasileiro e outros latino-americanos mais comumente batem na madeira e fazem figa. O colombiano, ao puxar a pálpebra inferior do olho, está exclamando: Maravilhoso! O brasileiro: Você é esperto, hein?!

10 - Ditado - Luís da Câmara Cascudo, comentando o ditado «Macaco velho não mete a mão em combuca», mostra que descende da história clássica de Epiteto e que já era conhecido dos árabes antigos. Lembra ainda o «Compêndio Narrativo do Peregrino da América», de Nuno Marques Pereira, que na parte inédita recentemente divulgada, tem uma descrição do Peregrino a visitar o Palácio da Saúde, guiado por Belomodo. Aí, vê um painel de intenção moral, apresentando «macacos com as mãos metidas dentro de buracos feitos em uns cabaços, os quais levavam arrastando pelos campos, e negras atrás deles com bordões e laços de cordas para os enlaçarem e matarem». E Belomodo, na palavra de Nuno Marques Pereira, explica o símbolo: «são avarentos e ambiciosos que, por não largarem a presa das riquezas dos bens do mundo, se deixam apanhar». Conclusão de Câmara Cascudo: o nosso ditado revela figuração erudita. Combuca nunca serviu para apanhar macacos no Brasil.

11 - Ex-libris - João Ribeiro no seu livro «O Folclore» tem um capítulo sobre o «ex-libris» folclórico das escolas. E recorda uma fórmula muito usada na sua época, a qual apresentava-se em versos e tinha grande número de variantes.

Se este livro for perdido
Por acaso for achado,
Para ser bem conhecido,
Leva o meu nome assinado.

Quem este livro pegar
Não causa admiração,
Mas quem com ele ficar,
Pega, pega que é um ladrão.

12 - Morte - Hernâni Donato, da Comissão Paulista de Folclore, divulgou alguns nomes populares de cemitério, que havia registrado no centro-sul de São Paulo. E assim os relacionou: Chácara do Padre Vigário, Cidade dos Pés Juntos, Lugar dos Espichados, Coqueiral Gordo,

Pouso da Canela Esticada, Sítio da Irmandade Acomodada. No mesmo texto, recorda que o povo não costuma usar a palavra morte, preferindo designá-la com as expressões: finar, bater as botas, bater a canastra, cuspir a louca, atolar o couro, largar a casca, juntar os pés, esticar os cambitos, pitar macaia, tomar descanso.

13 - Icamíabas - O folclorista José Coutinho de Oliveira, em sua obra «Folclore Amazônico», fez um registro do que chama «Lenda das Icamíabas», as mulheres sem seios. Preferimos, porém, classificar o fato como mito, pois a lenda no geral inclui um traço religioso. E o mito definimos como a ação personificada de versos ou coisas, de características maravilhosas, que ocorre nos céus ou na terra. As Icamíabas, também conhecidas por Amazonas, são mulheres guerreiras, que costumam amputar o seio, para poderem melhor usar o arco e a flecha. Orellana as imaginou habitantes da região rio-mar do Brasil, mas o mito procede da Grécia. Foi referido por Homero, Heródoto, atravessou a Idade Média e chegou à Moderna.

14 - Superstição - No seu interessante trabalho «Um informe sobre alguns problemas do nordeste», Paulo Frederico Maciel fez um ligeiro comentário sobre uma superstição que tem seu lado de verdade. Trata-se daquela que aconselha o plantio na época das trovoadas, que segundo se afirma é a de maior proveito. E ele explica: as chuvas de trovoadas são carregadas de ozona, que incorpora ao solo o azoto, produto químico de larga importância na agricultura.

15 - Padre Nosso dos Cachaceiros - No ano passado, um nosso informante recolheu no Bar Iemanjá, no Bairro do Capim-Guaçu, município de Embu, este Padre Nosso: «Santa Cana que está na roça, aguardente sem mistura, vem a nós o vosso líquido, para ser bebido à nossa vontade, assim no boteco como em qualquer lugar. Nos dai hoje cinco litros por dia e perdoai as vezes que bebemos menos, assim como nós perdoamos o mal que ela nos vem fazendo. Não nos deixeis cair atordoados e livrai-nos da Rádio Patrulha, Amém».

16 - Anedota - Diferente do que se pensa, não foi o famoso caricaturista Péricles quem inventou a expressão «Amigo da Onça». Ela há muita frequência o folclore brasileiro e foi anotada por Cristiano Fraga, do Estado do Espírito Santo, conhecido divulgador de «causos» de caçada. Eis um «causo» ou anedota mencionada pelo escritor, em que aparece a expressão, depois usada e personificada pelo saudoso Péricles: Dois compadres conversavam. Disse o Manuel: - Compadre, que é que você faria se te encontrasse com

uma onça? Respondeu o Chico: - Eu dava um tiro nela. E seguiu-se o diálogo: - E se te falhasse a garrucha? - Eu dava uma facada. - E se você não tivesse faca? - Eu trepava numa árvore. - E se a onça trepasse atrás? - Afinal, compadre, você é meu amigo ou é amigo da onça?

17 - Planta Milagrosa - O nome alecrim procede do árabe «al ikilil» e sua designação latina era «rosmarinus» (orvalho marinho), de onde se originam os nossos vocábulos rosmaninho ou rosmaninho. Atribui-se a esta planta virtudes ocultas e milagrosas e dela se utilizam os curandeiros e feiticeiros nas ruas mezinhas e mandingas. Na emblemática, significa «coração feliz» e na linguagem das flores, «sou feliz quando te vejo». Há um velho ditado que anota: «Quem pelo alecrim passou e dele não colheu, ou nunca teve amores ou dele se esqueceu». Em vários países da Europa, suas virtudes também são reconhecidas: os ingleses atribuem-lhe a qualidade de manter a memória desperta. No «Hamlet», de Shakespeare, Ofélia, na sua loucura, oferece um ramo de alecrim a Laerte, para que não a esqueça jamais.

Como fecho deste discurso-palestra, evocamos para vocês a poetisa Cecília Meireles, que também se dedicou à nossa matéria e foi membro da Comissão Nacional de Folclore. Diz a extraordinária autora do «Romanceiro da Inconfidência», que nós brasileiros, na expressão erudita, estamos ainda como certos frutos amadurecidos à força, cuja casca não corresponde à verdadeira polpa. Precisamente, em minha opinião, porque não temos estudado, como devíamos, o nosso folclore, cultura espontânea da gente do campo e das cidades, o que na verdade é o que nos caracteriza e diferencia de outros povos, no contexto local, regional e nacional. Ainda é muito atual a velha crítica de Sílvio Romero: «exibimos roupa alheia e não tratamos de talhar uma que nos vá a jeito e a caráter.» E bem merecemos a censura do escritor e poeta Mário de Andrade, no «Lundu do Escritor Difícil», de «A Costela do Grão-Cão».

Não carece vestir tanga

P'ra penetrar meu cacanje,

Você sabe o francês «singé»!

Mas não sabe o que é guariba?

— Pois é macaco, seu mano,

Que só sabe o que é da estranja.

N. R. — Rossini Tavares de Lima é um dos mais notáveis pesquisadores do Folclore no Estado de São Paulo. Foi o 1.º presidente da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato. É Secretário-Geral da Comissão Paulista de Folclore, vice-presidente do Conselho Nacional de Folclore e diretor da Associação Brasileira de Folclore.

«A INFLUÊNCIA FRANCESA NAS RODAS INFANTIS DO BRASIL»

LAURA DELLA MONICA

(Membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore e da Comissão Paulista de Folclore)

Digna de registro é a influência francesa que concorreu para a formação do nosso cancionário folclórico infantil. Na realidade não é tão pequena como geralmente se julga.

As nossas rodas infantis de procedência francesa são, na maioria dos casos, melodi-

as assimiladas pelas crianças brasileiras, educadas em colégios de freiras ou missionários franceses. Sofreram essas melodias inevitáveis deformações e profundas transformações, quando passaram para o nosso folclore.

Elza Gomes, no seu interessante estu-

do a respeito conta-nos que as rodas infantis dessa procedência foram, em geral, traduzidas ou deformadas, nelas se observando somente a preocupação de conservar os sons e não o sentido das palavras.

Davenson Henri, no seu livro «Le Livre des Chansons», nos informa que a transformação espontânea não se dá só com as palavras. Observamos nitidamente esse fenômeno na melodia, pois nada é mais fluído e maleável do que ela. A memória do cantor fixa-se mais nas palavras devido à lógica e à rima, chegando muitas vezes a transformar completamente o valor expressivo e mesmo a estrutura da canção.

Vamos tentar, através de algumas documentações, esclarecer ao leitor as nossas observações:

Começaremos com a roda francesa «Giroflé-Girofla». A roda é cantada em diálogo, por uma menina que faz o solo e outras que, com as mãos dadas, em fila, avançam e recuam. Essa maneira de brincar é semelhante ao nosso «mando-tiro-tiro-lá» e também ao conhecido «Eu sou pobre, pobre, pobre». Não afirmamos que as referidas rodas brasileiras tenham se originado das francesas, mas a melodia corresponde perfeitamente e há identidade na maneira de brincar, bem como, em muitos pontos, no palavreado, a solista do «mando-tiro-tiro-lá» canta o mesmo assunto.

O «Giroflé-girofla» francês perdura em nosso concioneiro infantil. As nossas versões não apresentam todo o documento original. Vejamos:

- a) Vamos passeá no jardim celeste.
jerumfré, jerufrá. . .
o que foste fazê lá?
jerumfré, jerufrá. . .
- b) fui passear no jardim celeste
giroflé, giroflá.

Fato curioso é que, para conservar o mesmo som da palavra francesa, aparece em nossas versões, o vocábulo «CELESTE», cujo correspondente no original referido é SEULETTE. «J'irai au bois seulette» deu para o nosso idioma a expressão: Vamos ao jardim celeste.

Outra observação, conforme documentos encontrados, que podemos apresentar é a influência da conhecidíssima «La na ponte da Vinhança» que se relaciona com a roda francesa «Sur le pont D'Avignon».

Diz a letra francesa: Sur le pont d'Avignon/L'en y passe. L'on y danse. Sur le pont d'Avignon l' on y danse tout en rond.

Les messieurs font comm'ça (on salue du chapeau).

Les dames font comm'ça (on fait la révérence).

Eis as variantes em nosso concioneiro folclórico infantil:

Sob (sobre) a ponte da Vinhança
todo mundo passará.

- 2- Lá na ponte da Vinhança.
- 3- Na ponte do gavião.
- 4- Na ponte da aliança.
- 5- Na ponte da viola.
- 6- Na corda da viola.

todo o mundo passará.
as lavadeiras fazem assim
fazem assim, também assim.
as engomadeiras...cavaleiros...

NOTA: A coreografia e a melodia se identificam com a francesa.

Nosso terceiro exemplo é a roda infantil: «Na mão direita tem uma roseira», que também nos parece de origem francesa. (Segundo Werckerlin é assim a letra).

A ma main droite y a-t-un rosier, (bis)
qui porte rose au mois, au mois,
qui porte rose au mois de mai.

Entrez en danse, jolie rosier (bis)
sortant d'la danse, vous embrasserez
Celle de la danse que vous voudrez

Versão brasileira:

A mão direita
tem uma roseira
que dá flor na primavera, (bis)
Bela roseira
entrai na roda
abraçai a mais faceira. (bis)

O texto literário é quase é uma tradução do documento francês.

Na França, as crianças cantam «qui poète rose au mois de mai»; no Brasil «Que dá flor na primavera»; em outro trecho os franceses dizem: «Vous embrasserez celle de la danse que vous voudrez» e nós: «abraçai a mais faceira».

A maneira de brincar é também semelhante.

O quarto exemplo que trazemos para os leitores é a roda «Magarida está no Castelo», comparando-a ao original francês.

«Où est la Marguerite?

Où est la Marguerite?
Oh gai! Oh gai! Oh gai!
Où est la Marguerite?
Oh gai, franc cavalier.

Elle est dans son château.
Oh gai! Oh gai! Oh gai!
Elle est dans son château.
Oh gai, franc cavalier.

Localizamos em Vitória do Espírito Santo uma roda que é quase inteiramente traduzida.

Onde está a Margarida?
Olé, olé, olá.
Onde está a Magarida?
Olé seus cavaleiros.

Ela está em seu castelo.
Olé, olé, olá.
ela está em seu castelo
olé, seus cavaleiros.

Encontramos, ainda, em São Paulo, Minas e Mato Grosso, versões muito parecidas. Música e maneira de brincar também se identificam.

A «canção de jogo» francesa: «Promons-nous dans le bois», também tem sua versão no Brasil.

Eis a roda francesa:

Prom'nous dans les bois
tandis que le loup n'y est pas.
si le loup y était il nous mangerait
falando: Loup, y es-tu?

O lobo: Non j' mets ma ch'mise.

Essa roda aparece no Brasil sob o tí-

tulo: Vamos passear na floresta.

Vamos passear na floresta
enquanto seu lobo não vem;
Vamos passear na floresta,
enquanto seu lobo não vem.
falando: Seu lobo está pronto?

Não. Está pondo as botas, etc.

A diferença existente no brinquedo é a seguinte: quando o lobo tenta apanhar uma das meninas aparece a corça para salvá-la.

É encontrada no Brasil numerosa versão do conhecido «Frère Jacques» com o nome de «Frade Jaques». «Irmão Jaques». «Frei Martinho», «Frei Diogo».

Vejam os original francês:

Frère Jacques, frère Jacques
Dormez vous, dormez vous?
Sonnez les matines,
Sonnez les matines
Dig, din, don
Dig, din, don.

Versões brasileiras:

Irmão Jaques (bis)
Está dormindo (bis)
Vá tocar o sino (bis)
Dim, dom, dom (bis)

Frei Martinho

Sobe à torre
Vai tocar o sino
Dem, dem, dem».

Outra semelhança é da roda infantil «Je suis pauvre».

Segundo o Prof. L. Lavennère esta cantiga, de origem francesa, diz assim:

Je suis pauvre, pauvre, pauvre
Je mourrais, mourrais, mourrais
Je suis pauvre, pauvre, pauvre
Je mourrais ici...

Eis algumas versões:

Eu sou pobre, pobre, pobre,
de marré, marré, marré
Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, de si (de Cy).

Eu sou pobre, etc.
gemavé, mavé, mavé
Eu sou pobre, etc.
gemavé, gessi.

Segundo Renato Almeida, a roda «Eu sou pobre, pobre, pobre», tem sua original na França. Entretanto, não podemos encontrar nada que nos permitisse fazer a comparação, pois as fontes francesas que procuramos não foram capazes de nos apresentar o original francês, que segundo dizem, teria o estribilho «Je m'envais, m'envais. Je m'envais d'ici»

Terminamos aqui algumas notas sobre a influência francesa no cancioneiro folclórico infantil brasileiro. Talvez elas constituam uma contribuição para um melhor conhecimento de tão complexo assunto. Se algum estudioso da influência francesa no Brasil puder auxiliar este nosso trabalho, ficaríamos muito satisfeitos. Agradecemos.

LINGUAGEM FOLCLÓRICA

TRAVALÍNGUAS

PROF. JOSÉ SANT'ANNA

Quem observa, com atenção, a nossa linguagem, a linguagem de cada momento, poderá observar entre as palavras uma série de elementos estranhos que enfeiam nossa palavra e desfiguram o nosso pensamento. Às vezes se tornam intoleráveis. É o caso, por exemplo, da balbúcia que consiste em certos defeitos de dicção que forçam a pessoa a ser hesitante, reticente. É também o caso da gaguez, po vezes enervante.

O folclore — atuando em todo o campo da ação humana — poderá prestar à pessoa que fala mais um de seus benefícios através de travalínguas. Travalínguas servem para corrigir algumas dificuldades de pronúncia. Aos dislálícos (pessoas que têm dificuldade em articular as palavras) e aos que têm a língua presa não há melhor remédio que uma boa dosagem de travalínguas.

Os travalínguas, além de aperfeiçoadores da pronúncia, servem para divertir e provocar disputa entre amigos. São embaraçosos, provocam risos e caçadas. O emissor na prática dos primeiros exercícios parece estar com a língua enrolada. Mas rindo e passando o tempo, pratica a boa terapêutica para corrigir seus defeitos.

Geralmente, nos travalínguas, existe uma diferença de força entre as sílabas de uma palavra; elas tendem a trocar entre si um dos elementos. Num dado momento um grupo de sons já não pode pronunciar-se e produz a metátese: «Tire o tigre dos três tigres». Na articulação desta frase um som pode ser antecipado. Este fenômeno explica-se pelo fato de os sons de linguagem interior terem valor diferente: quando pronunciamos uma frase qualquer todos os elementos vizinhos, que têm um valor igual, ressoam ao mes-

mo tempo na nossa consciência, tanto os sons que devem ser pronunciados imediatamente, como os que hão de ser pronunciados mais tarde, de modo que estes elementos troquem entre si o seu lugar.

Assim quando pronunciamos uma frase, todos os elementos que a compõem existem na nossa consciência; mas o pensamento é mais rápido que a palavra. Daqui resulta que os sons que ainda não foram emitidos podem influenciar as palavras ou os sons já emitidos.

Grande parte dos traválinguas constitui exemplos de aliteração porque é formada pela repetição da mesma consoante no início de dois ou mais vocábulos: «Um papo de pato num prato de prata».

Observa-se também que alguns deles formam um vício de linguagem chamado cacofonia que consiste em formar, com a junção de duas ou mais palavras, uma outra de sentido ridículo ou obsceno.

Em outros exemplos está a onomatopéia, pois há a imitação voluntária de um ruído natural, de modo imperfeito, por ser a nossa audição aproximada. É o caso dos primeiros elementos deste traválingua «Purrutaco-ta-taco, a mulher do macaco, ela pita, ela fuma, ela toma tabaco». Depois de ouvirmos por algum tempo o «Purrutaco-ta-taco», da voz de um papagaio, podemos imitar, mas os sons imitados não podem ser integrados na fala corrente, na qual usamos os sons naturais da fala humana.

Nota-se em alguns exemplos de traválinguas o jogo de significantes, isto é, há apenas a mudança de um ou alguns elementos que passam a situar-se em vários pontos do enunciado: «Pape a papinha, papai, senão o papão papa. E o papai papa p'ra que não pape o papão».

Os traválinguas ajudam aos que têm dificuldade de dicção, a expressar com clareza e correção. A pronúncia depende da articulação e esta é que controla o ritmo e a modulação da palavra. No caso dos traválinguas como recreação, passatempo, exige-se da pessoa muita rapidez ao pronunciar as palavras. Esta rapidez é que leva o locutor à supressão de um som, ao desaparecimento de sílaba ou permuta dos elementos (apóstrofo, elisão, sinalefa, síncope, haplologia, etc.)

Exercícios que servem para corrigir dificuldades de pronúncia (palavras de difícil articulação)

1 - Uma goiaba verdolenga, quem desverdolengá-la um bom desverdolengador será.

2 - Sofia, você sabia que o sábio não sabia que a sábia não sabia que o sabiá sabia asso-biar?

3 - Sou um original que não se desoriginalizará, nem quando todos os originais estiverem desoriginalizados.

4 - Sabendo o que sei e sabendo o que sabes e o que não sabes e o que não sabemos ambos, saberemos se somos sábios, sabidos os simplesmente sabedores.

5 - O rato roeu a correia da carroça do rei de Roma.

6 - O rato roeu a rede rubi da roseira da rua do guerreiro da guerra.

7 - Tire o papo do pato de dentro do prato.

8 - Pedro Pereira Pedrosa pediu passagem para Pirapora. Pode passar, porteiro, para pegar peixe piaú.

9 - Essa pessoa assobia, enquanto amassa e assa a massa da paçoca de amendoim.

10 - Debaixo daquela pia tem um pinto; pia o pinto, pinga a pipa; a pipa pinga, o pinto pia.

11 - Porco crespo, toco preto.

12 - Pau preto, pão preto.

13 - Onde digo Digo, não digo Digo, digo Diogo.

14 - Um tigre, dois tigres, três tigres.

15 - Tire o trigo dos três tigres.

16 - Trazei três pratos de trigo para três tigres comerem.

17 - O menino deu trigo ao tigre e o tigre comeu todo o trigo.

18 - O desinquivincavador das caravelarias desinquivincavaria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.

19 - Se o príncipe de Constantinopla quisesse se desconstantinopolizar, qual seria o desconstantinopolizador que iria a Constantinopla para desconstantinopolitanizá-lo?

20 - Pardal pardo, por que palras? Palro porque sempre palrei, porque sou pardal pardo palrador del-rei.

21 - O peito de Pedro é preto. Quem disser que o peito de Pedro é preto terá o peito mais preto do que o peito de Pedro.

22 - Em cima daquele morro tem um ferreiro velho que tem um fole velho. Quando o velho tocar o fole, tanto fede o velho fole, como o velho fole fede.

23 - O cantarolador tagarelava depois de cantarolar. Se o cantarolador só cantarolasse ele não tagarelaria.

24 - A ave da viúva voava na viola do vovô.

25 - Num jarro há uma aranha. Tanto a aranha arranha o jarro, como o jarro arranha a aranha.

26 - Lá em cima daquele morro tem uma arara e uma aranha. Tanto a aranha arranha a arara, como a arara arranha a aranha.

27 - Bagre branco, branco bagre.

28 - Titia toca a tropa com o trapo de prato.

29 - Uma espingarda lazarina, quem a deslazarinizar um bom deslazarinizador será.

30 - Um papo de pato num prato de prata.

31 - Em cima daquela árvore tem um ninho de mafagato, e quem lá chegar encontrará quatro mafagatinhos mamando na mafagata o leite mafagafoso e quem o desmanchar será um grande desmafagatador.

32 - Um ninho de mafaguifos, com sete mafaguifinhos, quem tirar um mafaguifo, bom desmafaguifador será.

VARIANTES:

33 - Um ninho de mafagafa, com cinco mafagafinhos, quem desmafagar o ninho, bom desmafagador será.

34 - Num ninho de mafagafos tinha seis mafagafinhos, quem os desmafagafar será o maior desmafagador.

ALGUMAS FÓRMULAS VERSIFICADAS DE PRONÚNCIA DIFÍCIL

35 - O tempo perguntou p'r'o tempo
Quanto tempo o tempo tem
E tempo respondeu p'r'o tempo
Que não tem tempo de dizer p'r'o tempo
Quando tempo o tempo tem.

36 - Não sei se é fato ou se é fita
Não sei se é fita ou fato
O fato é que você me fita
E fita mesmo de fato.

37 - Quando eu penso que tu pensas
Que eu já não penso mais em ti
Esse pensar me faz pensar
Que já não pensas mais em mim.

38 - O doce perguntou p'r'o doce
Qual doce era mais doce.
O doce respondeu p'r'o doce
Que o doce mais doce
É o doce de batata-doce.

39 - Num ninho de maçarico
Três maçaricozinhos há
Quem os desmaçariquizar,
Bom desmaçariquizador será.

40 - A aranha aranha a rã.
A rã arranha a aranha
Arranha a aranha a rã?
A rã, a aranha a arranha?

41 - Um ninho de manfagafas
Com nove manfagafinhos
Quando a manfagafa fala
Falam todos os manfagafinhos.

42 - Um sapo dentro de um saco,
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
E o papo cheio de vento.

43 - Uma velha seca, seca
Seca, seca, se casou
Com um velho seco, seco
Seco, seco, se secou.

44 - Triste trolha atrapalhão,
De trepar tanta trapeira,
Consertar tanto telhado,
Estragar tanta goteira.

PEQUENO RELATO (formando eco)

45 - Uma velha firinfimelha de marincuntelha com sua filha firinfimelha de marincuntelha foram ao circo firinfimelha de marincuncirco. A filha firinfimelha de marincuntelha gostou do palhaço firinfimelha de marincuntaço. Mas a velha firinfimelha de marincuntelha deu um fiasco firinfimelha de marincuntaço, pegando a filha firinfimelha de marincuntelha, quebrou-lhe o braço firinfimelha de marincuntaço.

Eis aqui, conselhos e exercícios, alguns apenas, mas suficientes para os que, interessados em aprimorar a dicção, ou melhorar a voz, poderão deles utilizar.

Preciso é que não se tenha pressa em vencer os primeiros obstáculos. Esses traválguas foram colhidos dos lábios das pessoas simples do povo. É o folclore em ação.

O FOLCLORE E A MATEMÁTICA

— I —

Simple entretenimento de curiosos ou preocupação de eruditos, o corpo de conhecimentos designado por folclore, conta pouco mais de um século. Nunca é demais repetir que o termo folk-lore («saber vulgar») foi usado pela primeira vez, por William John Thoms, em carta à revista londrina The Athenaeum, em 22 de agosto de 1846. Nela Thoms solicitava o apoio para salvar os restos das lendas, das baladas, dos usos e costumes regionais da velha Inglaterra. O receio do ridículo levou o missivista a usar o pseudônimo de Ambrose Merton. Ele pretendia tão somente ver expostos, num museu, os testemunhos da sabedoria anônima das gerações passadas.

Então, o romantismo que já se firmara em toda parte, como que havia preparado o campo para as sementes novas do folclore. O despertar do interesse pelo assunto, em alguns estudiosos, casava-se perfeitamente com as tendências gerais do pensamento da época, já que a escola romântica via nas tradições nacionais o fundamento das literaturas.

Nesses começos, o fato folclórico identificado como tradicional, anônimo, popular e de transmissão oral tornava por demais restrito o campo de ação do folclore. Este, porém, na linha de evolução do seu desenvolvimento, foi ganhando nova conceituação. Irrelevantes são hoje a tradição, o anonimato, a oralidade e até mesmo o popular no sentido primitivo de vulgar. Nos dias que correm, a espontaneidade bem como a receptividade popular surgem como as características dominantes de qualquer fenômeno folclórico.

«O fato folclórico não é velharia - declara a Prof^a Laura Della Mônica - Não precisa cheirar a ranço. Não precisa ser tradicional, nem sua transmissão ser oral. Na verdade, o fato folclórico pode mudar ao longo do tempo, assimilar a influência do progresso. Sua transmissão pode ser escrita, como na literatura de cordel. O anonimato é dispensável. Mas deve ser, sim, espontâneo, não podendo ser regido por comunidades estruturadas. E deve ter aceitação coletiva».

Na realidade, a tradição acomoda-se ao presente. Assim, o folclore aparece em cada ins-

tante como algo vivo e traços culturais que surjam no seio das turbas, quer provenham dos meios mais esclarecidos e intelectualizados se submetem à folclorização, uma vez que a sociedade inteira participa do folclore, toda ela intervém «nas formas finais por ele assumidas», mas somente às camadas populares cabe integrá-lo na sua vida ordinária.

«Certas expressões, gírias, ditados e até palavras fluentes na linguagem — diz a Prof.^a Maria do Carmo Vendramini — devem ser encarados como FOLCLORE, porque fazem parte da cultura espontânea do povo, que assimila muito da erudita e a influencia também».

A coexistência dessas duas culturas, citadas pela ilustre folclorista: a espontânea — «reflexo das maneiras de sentir, pensar, agir e reagir espontâneos e aceitos espontaneamente dentro de uma coletividade» e a erudita — emanada da vontade sistemática, da reflexão ulterior, parece inevitável. Semelhante dualidade, segundo os entendidos, está ligada ao progresso mesmo da ciência, que mostra a desproporção entre o crescimento espontâneo dos fenômenos sociais e a representação que as sociedades fazem disso.

Não é outra, a opinião defendida na Escola de Folclore, do Museu de Artes e Técnicas Populares, em São Paulo, pelo Prof. Rosini Tavares de Lima:

«O folclore para nós - explica o insigne mestre - é uma expressão do homem. Dentro do contexto de uma personalidade, existe uma expressão de cultura dirigida e orientada, que chamamos de cultura erudita, e uma expressão de cultura não dirigida que chamamos de cultura espontânea, objeto do folclore, que existe em função da criatividade mesma do homem».

— II —

É a criatividade que explica a intervenção da matemática em não poucos fenômenos folclóricos. Nas lendas e tradições, bem como em adivinhações, trovas, travalinguas, superstições e ainda em jogos e provérbios é comum constatar-se a presença dos números.

Embora seja aceitável por inverídica a declaração de que a matemática é «a ciência dos números», estes são por ela estudados e tanto os seus segredos como os mistérios do céu inflamaram as mentes ingênuas ou não de todos os homens, em todos os lugares, de todos os tempos.

Na antigüidade, Filolau, um dos mais destacados representantes da escola pitagórica, já dizia que: «todas as coisas têm um número e nada se pode compreender sem o número». Houve quem visse palpitar no fundo dessa afirmativa: «uma das idéias mais grandiosas e mais belas que até hoje têm sido emitidas na história da Ciência - a de que a compreensão do Universo consiste no estabelecimento de relações entre números, isto é, de leis matemáticas».

Para os pitagóricos, não somente todas as coisas possuíam um número, mas ainda todas as coisas eram números. As expressões números quadrados e números triangulares não se tratavam de metáforas: aos seus olhos eram efetivamente quadrados e triângulos.

Entre outros testemunhos de Aristóteles, sobre a mais brilhante doutrina da antigüidade, é suficiente transcrever o seguinte trecho

do capítulo V, do primeiro livro da Metafísica: «aqueles a quem se chama pitagóricos foram os primeiros a consagrar-se às Matemáticas e fizeram-nas progredir. Penetrados desta disciplina, pensaram que os princípios das Matemáticas eram os princípios de todos os seres. Como, desses princípios, os números são, pela sua natureza, os primeiros, e como, nos números, os pitagóricos pensavam aperceber uma multidão de analogias com as coisas que existem e se transformam, mais que no Fogo, na Terra e na Água (tal determinação dos números sendo a justiça, tal outra a alma e a inteligência, tal outra o tempo crítico, e do mesmo modo para cada uma das outras determinações); como eles viam, além disso, que os números exprimem as propriedades e as proporções musicais; como, enfim, todas as coisas lhes pareciam, na sua inteira natureza, ser formadas à semelhança dos números e que os números pareciam ser as realidades primordiais do Universo, consideram que os princípios dos números eram os elementos de todos os seres e que o Céu inteiro é harmonia e número».

Os seguidores da escola deviam guardar o maior segredo dos ensinamentos que recebiam por transmissão oral e nada escreveram sobre a doutrina. É o que diz Plutarco, na vida de Numa Pompilius:

«... diz-se que os pitagóricos não queriam pôr as suas obras por escrito, nem as suas invenções, mas imprimiam a ciência na memória daqueles que eles reconheciam dignos disso.

E como algumas vezes comunicaram alguns dos seus mais íntimos segredos e das mais escondidas sutilezas da geometria a algum personagem que o não merecia, eles diziam que os deuses por presságios evidentes, ameaçavam vingar este sacrilégio e esta impiedade, com alguma grande e pública calamidade».

Dois séculos depois quando Aristóteles se referiu aos pitagóricos, a escola já se tornara conhecida em todos os seus aspectos místico, político e científico e bastante populares os seus ensinamentos e invenções. Coincidentemente, as crenças e superstições dela oriundas enquadravam-se no antigo conceito de fenômenos folclóricos. Eram tradicionais, anônimos, populares e de transmissão oral.

O admirável é que as tradições dos números são manifestações folclóricas, que se conservam na tradição popular como resquícios de classes cultas, não só da antigüidade como de todas as épocas da civilização.

Cabe aqui transcrever do artigo intitulado «Contribuição do Folclore ao Ensino da Matemática na Escola Primária», da Prof.^a Corina Maria Peixoto Ruiz, na Revista do Ensino, o que diz Ismael Moya:

«O 1 representava, na antigüidade, a força criadora, a harmonia e o mistério do universo. Era o deus dos números.

O 2 separava as coisas materiais; representava a justiça.

O 3 era o símbolo da unidade e da dualidade: era a trindade divina. A sua imagem é o triângulo. É a trindade dos cristãos que se reúne em um só Deus.

O 4 era mágico para os altoperuanos, pré-colombianos e araucanos. Para Hesíodo, sagrado. Os pitagóricos veneravam o 4 e quando formulavam um juramento, faziam-no pelo 4.

O 5 era nefasto para Hesíodo, porém, para outros, era o número nupcial porque se constituía por números femininos e masculinos.

O 6 representava a natureza com os pontos cardeais, o nadir e o zênite. Era o signo da perfeição.

O 7 consagrado à Minerva, na Grécia. Outros consideravam-no como símbolo da esterilidade. O sétimo dia era sagrado para Hesíodo. Sete foram as palavras que Jesus disse na Cruz, sete os pecados capitais, sete são os dias da semana, sete os arcanjos e sete as dores de Maria.

O 8 segundo Hesíodo, favorecia todos os trabalhos do homem. Era o símbolo da igualdade humana.

O 9 correspondia às Musas. No Oriente era o emblema das forças criadoras. Os gregos ligavam-no à Marte. Era propício ao trabalho. Na França os bailarinos dão 9 voltas porque dizem que assim asseguram a felicidade. Nove foram os heróis de Nuremberg e 9 as valquírias.

O 10 evoca para os mágicos antigos toda a beleza e perfeição do universo. Para outros, representava a união fraternal porque as mãos que se estreitam têm 10 dedos. Segundo Hesíodo, o décimo dia era propício à geração de varões.

O 11 para Hesíodo era favorável: nesse dia o campeão podia tosquiá as ovelhas.

O 12 representava os signos da Zodiaco e segundo Hesíodo era propício ao corte das espigas. Uma superstição grega dizia: um menino de 12 anos não deveria sentar-se sobre túmulos, seria, no futuro, um homem fraco.

O 13 entre os judeus foi objeto de veneração e o anúncio de venturas, ao contrário do que acontece no mundo cristão: sentando-se 13 à mesa, um morrerá; ter somente 13 cruzeiros, é sinal de ruína; viajar no dia 13, desastres.

O 14 era sagrado e fundo divino para os alto-peruanos. Na Grécia era propício à geração de mulheres.

O 15 era nefasto e o 16 era indicado para o casamento de mulheres, mas não favorável aos varões".

Nesse ponto, somos obrigados a concordar com Laura Della Mônica quando afirma que: "há muito mais de universal do que de nacional nos usos populares". Mas para nossos pendoros nacionalistas foi uma decepção saber que o "gesto de dar banana" é uma herança européia ...

— III —

A espontaneidade e a aceitação popular sendo as características principais do fato folclórico, o vasto campo que se abre oferece amplas perspectivas ao pensamento criador. Ainda mais num país como o nosso onde usos, costumes, credences, superstições e outras manifestações folclóricas não se cristalizaram em formas perenes. Assim, os gêneros folclóricos envolvem toda a vida popular e em muitos os números se impõem como uma necessidade inarredável.

Está nesse caso o seu emprego em expressões como: «Nem 8, nem 80», com a significação de «nem tanto, nem tão pouco».

Inúmeros exemplos podem ser colhidos entre as inscrições de veículos («letreiros de caminhões»). Ainda recentemente lemos num «Jeep», uma que merece ser citada pela sua originalidade:

«100 — 10 — tino»

Quando terminávamos o curso secundário, esteve em moda um tipo especial de «pega» ou «laço», que é como Machado de Assis denominava as brincadeiras de «1.º de abril». Fazia-se uma pergunta e diante da negativa do interlocutor, dava-se a resposta surpreendente como por exemplo:

— Você sabe o que o prego disse ao martelo?

— Não. (É sempre a resposta de quem não conhece o pega)

— Pare de me bater na cabeça...

Dois «pegas» semelhantes que envolvem números ainda guardo nos escaninhos da memória:

I) - Você sabe o que o 111 disse ao 1?

- Não.

- Entre na fila...

II) - Você sabe o que o 8 disse ao ∞ (infinito)?

- Não.

- Levante «vagabundo».

Outro pega conhecido:

- Você que sabe Português me responde: 6 e 7 é ou são 14?

No artigo de Corina Maria Peixoto Ruiz, citada linhas atrás, há inúmeros exemplos que poderiam ser aqui transcritos. Pena é que a exigüidade de tempo e o espaço com que contamos exijam uma seleção rigorosa que não nos permita também fazer acompanhar as transcrições dos comentários da autora:

a) Estórias: a articulista enumera várias que se prestam ao ensino da matemática.

b) Trovas:

Quem quiser vender eu compro

1 limão por 1 tostão

Para tirar uma nódoa

No meu triste coração.

(«Folclore de Alagoas», de Sales Cunha)

Mancebo casai comigo

Sou fiandeira da roça

7 semanas e meia

Fio meia maçaroca.

(Contos Populares do Brasil, de Sílvio Romero).

Todo homem quando embarca

Deve rezar uma vez

Quando vai à guerra, duas

E, quando se casa, três.

(«Estudos Gauchescos», de Sílvio Júlio)

Me chamou de 4 paus

Quatro-paus não quero ser

Quatro-paus padece muito
Eu não quero padecer!
(«Tradições Populares», de Amadeu Amaral)

Entrou por uma perna de pato
Saiu na perna de um pinto
O Rei Sinhô me «mandô»
Que vos contasse mais cinco!
(Rio de Janeiro e São Paulo)

Fui pedir a São Gonçalo
Que me fizesse casar
Dez noivos apareceram
Nove deles fiz voltar.
(«Migalhas Folclóricas», de Mariza Lira)

c) Adivinhações
Uma bola bem feita
De bom parecer
Não há carapina
Que saiba fazer
(Resposta: Lua-noção de esfera)

Somos 10 irmãos
E só um usa chapéu.
(O dedal e os dedos)

Era uma boiada de 100 bois, no caminho
morreram 40. Quantos ficaram?
(Os 40 que morreram)

Que é, que é? Cai em pé e corre deitado?
(Chuva: linha vertical)

Um trem elétrico corre a 125 km. por hora.
O vento sopra do oeste. Para que lado
vai a fumaça?
(Trem elétrico não faz fumaça...)

d) Rimas Infantis (parlendas)
Dedo minguinho
Seu vizinho
Pai de todos
Fura bolo
Mata piolho
Este diz que não quer comer
Este diz que não tem de quê
Este diz que não vai roubar
Este diz que não vá lá
Este diz que Deus dará.
(Os dedos da mão: números de 1 a 5)

Um, dois - feijão com arroz
Três, quatro - feijão no prato
Cinco, seis - feijão p'ra nós três
Sete, oito - feijão com biscoito
Nove, dez - feijão com pastéis.
(Número de 1 a 10)

e) Travalinguas
Um tigre, dois tigres, três tigres.
Um ninho de mafagafos, com cinco mafa-
gafinhos; quem os desmafagafizar bom
desmafagafizador será.

f) Contigas de rodas
Entrei na roda
Ah! Eu entrei na roda
Para ver como se dança
Eu entrei na contradança

Eu não sei dançar.
Lá vai uma
Lá vão duas
Lá vão três pela terceira
Lá se vai o meu amor
No vapor da cachoeira.
(Circunferência e círculo, linha curva)

g) Brinquedos de contagem

I) Une, dune, trê
Une, dune, trê
Salamê mingüê
O sorvete colorê
Une, dune, trê (Rio)

II - Uma, duas angolinhas
Uma, duas angolinhas
Finca a pé na pompolinha
O rapaz que o jogo faz
Faz o jogo do capão
Corre já Mané João
Que lá vai um beliscão.

h) Paremiologia dos números

1) Em terra de cego quem tem um olho é rei.

2) Um grão não enche o celeiro, mas ajuda ao companheiro.

3) Abra um olho para vender e dois para comprar.

4) Onde come um, comem dois.

5) Dois bicudos não se beijam.

6) Mais vale um toma que dois te darei.

7) Dois proveitos não cabem num saco só.

8) Um homem prevenido vale por dois.

9) Quando um não quer, dois não brigam.

10) Melhor é 1 pão com Deus que 2 com o diabo.

11) Mais vale 1 gosto que 4 vinténs.

12) 12 galinhas e um galo comem tanto como um cavalo.

13) Onde há 24 modos de negar, haverá 25 de pedir.

14) Quem aos 20 não sabe, aos 30 não casa, aos 40 não tem: - tarde sabe, tarde casa, tarde tem.

15) Ladrão que rouba ladrão, tem 100 anos de perdão.

Na série de Livros publicados pelo Professor Melo e Sousa (Matemática Divertida e Diferente, Matemática Divertida e Fabulosa, Matemática Divertida e Maravilhosa), escritos com a colaboração dos leitores de uma revista carioca, há muito do folclore da Matemática. Muitas outras obras poderiam ser indicadas, mas ficarão para outra oportunidade.

Se algum leitor for levado a dedicar-se ao nosso rico folclore, este artigo despretencioso terá servido ao principal propósito com que o escrevemos.

Prof. Rothschild Mathias Netto

Membro do Departamento de Folclore e professor de Matemática no C.E.N.E. "Cap. Narciso Bertolino" - Olímpia

FOLCLORE E LITERATURA INFANTIL

Todos sonham... e da necessidade humana de encantamento e efabulação nasce uma arte, a arte literária.

A experiência pessoal varia INFINITAMENTE a forma de pensar e sonhar o mundo e os homens. Por isso a literatura (usando aqui o termo como manifestação criativa abrangente, não submetida à específica escala de valores) tem uma porta aberta para um campo da emotividade, campo impregnado dos temores e anseios primitivos. Entra-se no terreno em que qualquer um, desprovido de técnicas e estudos, participa da «academia» de contadores de estórias. É o Folclore.

Literatura e Folclore: cruzamento de duas culturas, geradoras igualmente de arte.

De sua vasta contribuição para a matéria literária, interessa sobretudo a penetração no mundo infantil. Na necessidade humana de comunicação evidencia-se a PALAVRA, principalmente a oral, ligando os seres, e a tradição verbal aponta, naturalmente, como veículo privilegiado no ato de integrar a criança em experiências sociais.

O domínio infantil é atingido por peças lítero-folclóricas que são aproveitamento de lendas e de canções. Estas peças, antes contadas e ouvidas, só depois escritas e lidas, são cantigas de ninar, cantigas de roda, simples narrações de lendas e mitos e contos populares regionais.

Assim é que começa a correr mundo, na transmissão oral, a estória de uma princesa tão bela que despertou inveja mortal na madrastra. Mais tarde o episódio toma forma de relato, fixando-o, e nossas crianças conhecem-no. Pedro Malasartes seja qual nome tenha em diferentes terras, é personagem-símbolo do que o povo sempre desejou ser, ter como conhecido ou parente. Ele testemunha na literatura infantil universal um problema coletivo — do homem reivindicando mudança de situação.

Na fixação das referências, mitos e lendas, os autores contribuem com seus estilos. Quer dizer que o material de «folc» ao ser recolhido, passa por um polimento ainda que o pesquisador retenha, dentro de uma possível simpli-

cidade, as construções originais.

Singularmente significativa é a literatura infantil brasileira, amálgama do folclore indígena, africano e europeu. Na pureza nascente e primitiva dos mitos, no anonimato das tradições populares, melhor transparece o nosso homem — suas reações, atitudes e anseios.

A infância é uma fase em que reina a espontaneidade e, coerentemente, constituindo admirável forma de atividade lúdica, a poesia. Aliás, a poesia é característica da obra de literatura infantil, pois o sentimento estético da criança condiz com esse mundo encantado de ritmo e lirismo, quer pela harmonia dos versos, quer pela abundância da linguagem-imagem.

Nossa literatura mirim compreende além do inventário poético (predominantemente nas letras de músicas) numerosos «contos de bichos» («O veado e a onça», «O bem se paga com o bem», «O bicho da folharada»); contos tradicionais trabalhados pela imaginação coletiva («O afilhado do diabo», «A menina e o Quibungo», «Pedro Malasartes»); um lendário rico em invenções de atmosfera mágica, com o maravilhoso em grande dose («Lenda de São João», «O Mutum e o Cruzeiro do Sul», «A origem do rio Solimões», «Negrinho do Pastoreiro»).

Detém entre nós o mérito de iniciador do gênero infantil, com base na triangulação (branca-negra-vermelha) do populário nacional, Monteiro Lobato.

No Brasil, outros homens de letras se propuseram a re-contar para a criança (por que não para o adulto?): Viriato Correia, Luís Gonzaga de Camargo Fleury, Francisco Acquarone, Mário Donato.

Mas não é tudo. Em toda parte, nos dias de hoje, há gente lutando pela formação da consciência das gerações jovens, formação que se apóia e processa na expressão folclórica, base da literatura infantil brasileira.

Prof.^a Cármen Lúcia Zambon Firmino

da Cadeira de Português do C.E.M.E.

“Cap. Narciso Bertolino” - Olímpia.

FOLCLORE E FILATELIA

O folclore é, essencialmente, a ciência do homem comum — a cultura tradicional. A vida diária é o ambiente em que ele é uma constante lógica e fisiológica. Canto, dança, indumentária, alimentação, bebidas, comidas, doces, as orações fortes que resistem séculos, as horas de comer e dormir, os ritos de passagem, os regionalismos, o caipira, o matuto, festividades religiosas, artes populares, além de outros motivos, dizem da importância decisiva do folclore, não apenas um subsídio, mas uma determinante para o conhecimento humano. Em suma, folclore é história normal do homem. É tradição que sobrevive, marcando a continuidade do tempo.

Filatelias é a arte e ciência de colecionar selos do correio. O selo de correio é um pedacinho de papel, quase sempre multicolorido, a mostrar em prodígios de arte gráfica, tudo quando de cultural, artístico, econômico e produtivo tem um povo.

A moderna filatelia — a temática — encontra sua exuberância na riqueza gráfica do motivo do selo que pode se estender, indefinidamente, por diversos campos de atividade. O selo encerra uma mensagem. Assim, folclore e filatelia se completam, pois aquele se vê retratado por esta na fixação das artes populares.

Em quase todos os países existem emissões de selos folclóricos, mostrando as manifestações populares dos povos.

O Brasil que agora realmente se volta para o aspecto temático-filatélico de suas emissões, vem descobrindo o seu rico folclore.

Numa análise dos selos brasileiros emitidos, encontramos alguns com raízes folclóricas como aquele de 1951, em homenagem ao centenário de Sílvio Romero, o primeiro grande estudioso do "folc" brasileiro (castanho-60 centavos), ou o de 1955 (verde escuro-40 centavos), em homenagem a Monteiro Lobato, escritor de contos populares e infantis; outro em 1965 (púrpura-Cr\$ 30), por ocasião de centenário do livro "Iracema", de José de Alencar, romancista que desfila vestígios folclóricos em suas obras; em 1966, a cerâmica Santarém, retratada no selo (carmim-Cr\$ 30) do centenário do museu Goeldi, em Belém do Pará; em 1967, o selo e bloco alusivos ao carnaval carioca (multicores-10 e 15 centavos); em 1968, o "Papai Noel" (multicolor-60 centavos) e as duas séries carnavalescas, em 1969 (multicores - 5, 10 e 20 centavos) e 1970 (multicores - 30 e 50 centavos), identificando os tipos característicos da festa momesca, desde o "pierrô" e a "colombina" até as "cabrochas" e os "passistas" com suas evoluções coreográficas.

O ano de 1972, todavia, foi o que realmente focalizou o tema em selos. Primeiro foram as caracterizações da devoção religiosa com a "Lavagem do Bonfim" (20 centavos) — maior festa religioso-folclórica de Salvador, na Bahia e o "Círio de Nazaré" (75 centavos) que se constitui na maior festa religiosa do Pará e num dos maiores espetáculos folclóricos do Brasil, irresistível pelo seu apelo religioso e pelo forte colorido popular; depois foi a "música popular" (75 centavos), espontânea em suas modas de viola com suas cantorias como o coco ou embalada, o samba e seus subsidiários (jongo, macumba, candomblé e lundu), os choros, os cantos infantis de acalantar crianças (dorme nenê) ou as rodas (ciranda, cirandinha).

A seguir, o ritmo quente dos folguedos populares: congadas, moçambique, reisado, quadrilha, caiapó e fandango. Este último, uma dança gaúcha com o selo (60 centavos), focalizando um casal dançando em separado, o sapatão e a graça da mulher, através do movimento da saia da prenda (a dança pode ser o «Balaio», «Pau de Fita», «Bambu», «Pericom», «Rilo» ou «Pezinho» (tão conhecidas em nossos festivais).

O espetáculo impressionante da «Capoeira» (jogo de destreza) aparece num selo de 75 centavos com uma orquestra de berimbaus e pandeiros, em volta dos passistas.

O «Bumba-meu-boi» é um auto em que se celebra o boi, animal folclórico por excelência, em cujo enredo a prosa é improvisada na ocasião, substancial e viva de sátira e comichade irresistível (selo de Cr\$ 1,30).

O outro selo (taxa de 45 centavos) traz a «Carranca de São Francisco» — totem da região do Rio São Francisco, utilizado pelas tripulações das barcas como decoração de fundo místico para afugentar os «maus espíritos».

A arte popular folclórica com o mercado-feira e suas cerâmicas, estamparias e objetos rústicos, focalizada pelo artesanato da cerâmica Carajá — traço cultural daqueles índios, completa a série com um selo de Cr\$ 1,15.

Em 1973 o selo comemorativo aos «150 anos do episódio de 2 de Julho» retrata uma das mais significativas manifestações típicas, religiosas e folclóricas da Bahia. De 1.º a 5 de julho há folguedos populares e representações folclóricas, comemorando a entrada do Exército Libertador na Capital, durante a Guerra da Independência.

Além dos selos, a filatelia através dos «Carimbos» estampa o motivo folclórico. O primeiro surgiu em 1964, alusivo ao «Dia do Folclore» (retrata a cerâmica figurativa do Vale do Paraíba; o segundo, em 1965, com a 1.ª Exposição de Folclore em selos, mostra o «bumba-meu-boi»; depois, em 1967, na 2.ª, Exposição e, a seguir, em 1969, comemorando o mês do folclore (cara de boi e dois pavões estilizados), todos em São Paulo. Em 1970 surgiu o nosso carimbo, apresentando a roca (máquina de fiar), por ocasião do 6.º Festival de Folclore e, neste ano, em Feira de Santana, na Bahia, quando do selo da série flora e fauna (Mandacaru e Currupeirão), mostrando uma peça de artesanato. A par disso, tivemos os carimbos alusivos às emissões folclóricas acima comentadas.

A continuidade da emissão de selos folclóricos brasileiros não cessará, pois os motivos são muitos, como: a Iara, o candomblé, o caipora, o curupira, o negrinho do pastoreio, o boitatá, o saci-pererê, iemanjá, a renda açoriana, a rendeira da caatinga, à espera de seu aproveitamento, como em 22 de agosto próximo com o selo comemorativo ao «Dia do Folclore», além do carimbo alusivo ao nosso 9.º Festival de Folclore.

Folclore e filatelia são assim, representam o compromisso da perenidade...

Éden Eduardo Pereira

Presidente da Comissão Municipal de Filatelia — Olímpia

FOLCLORE RELIGIOSO

TERÇO «25 DE MARÇO»

Chega a Quaresma. Nos bairros de Olímpia e na zona rural principalmente, sempre houve um ambiente propício aos rituais desta natureza. Ainda hoje são conservados. São rituais lúgubres e bizarros ao mesmo tempo, mas quase tudo é triste e difícil de se praticar.

O povo crente enche-se de tristeza, de silêncio, de respeito. Sempre gostei de conhecer bem as criaturas humanas.

Meu amigo José Sant'anna, que sempre tomou parte nesses rituais e gosta de assis-

tir a todas as cenas de Quaresma, falou-me de um terço denominado «25 de Março», pela razão de ser celebrado nesse dia; incentivou-me a ir conhecê-lo.

Era no Bairro São José, de Olímpia. Chegamos. Era numa residência silenciosa e quieta, de cômodos escuros — enquadrando-se bem neles as cerimônias de um culto interno da Quaresma.

Alguns quadros de santos, cobertos com pano preto, por todas as paredes da casa. Mora aí uma devota profunda das coisas da religião católica, freqüentadora assídua das igrejas. Revelou alegria ao nos receber.

— «Este ano voçeis vai rezá com nós».

Dona Sebastiana Batista de Miranda, 51 anos de idade, casada, mãe de três filhos.

Estamos no dia 25 de março do ano de 1966. A casa está repleta de pessoas para rezar o terço do dia.

Diz dona Sebastiana:

— «Esta devoção vem de meus avós:

Ela é muito antiga. Além de nós ela é praticada na região de Ribeiro dos Santos (distrito de Olímpia)». Observamos o seguinte: para rezá-la é preciso ter em mãos um terço e começar como se inicia um terço comum, pelo Credo que é a profissão de fé do cristão, depois um Pai-nosso e três Ave-Marias.

Em seguida se faz a apresentação comum do terço: «Divino Jesus eu Vos ofereço este terço que vou rezar, contemplando os mistérios de Vossa redenção, concedei-me pela interceção da bem-aventurada Virgem Maria as graças que me são necessárias para bem rezá-lo e ganhar as indulgências anexas a esta santa devoção».

Logo depois se reza a oração «25 DE MARÇO», e ao chegar no trecho que diz: «Cem veis me ajoeei» a pessoa se ajoelha e quando diz: «Cem veis me alevantei» a pessoa se levanta e quando diz: «Cem Ave-Maria rezei», rezar a Ave-Maria, mas em pé.

O tempo que a pessoa fica ajoelhada é pouco, sendo quase todas as orações feitas em pé.

O Pai-nosso é rezado no seu lugar certo, não havendo para ele modificações.

Afirma Dona Sebastiana que esta oração-penitência é feita para afastar qualquer desgraça numa família, expulsar o diabo da casa e afugentar os inimigos.

Ela só pode ser rezada para este fim, no dia 25 de março, podendo ser rezada em grupo, formando um círculo.

Quando ela é iniciada, as mulheres precisam cobrir-se com uma toalha, manto ou véu; os homens ficam descobertos.

A pessoa devota pode rezá-la em qualquer dia, sem ser preciso de ajoelhar as cem vezes, ficando o tempo todo em pé.

Esta oração exige do devoto espírito de sacrificio e penitência, pois judia muito do corpo da pessoa.

Ela é muito agradável a Deus que por isso «premia» as pessoas, livrando-as de todos os perigos.

O dia 25 de março — de acordo com D. Sebastiana — foi desastroso, começando neste dia a perseguição de Jesus.

O texto da oração é o seguinte:

«Arma constante fé,
Jesus Cristo contigo é.
No campo de Josafais
Encontrei com Satanais.
Parte em mim vóis não terais.
No dia 25 de março,
Cem veis me ajoeei,
Cem veis me alevantei
E cem Ave-maria rezei».

Seguem-se algumas orações e benditos cantados da Quaresma.

Dona Sebastiana é uma alma boa, cheia de fé e agradável no modo de tratar e receber as pessoas.

Falamos com ela sobre o terço. Ela recitou esta estrofe:

«A Virgem Santíssima
Promete salvar
A todos os devotos
Que o terço rezar».

Prof. Victório Sgorlon

Diretor do Museu Histórico e Folclórico e
membro do Departamento de Folclore - Olímpia

FOLCLORE E FILOLOGIA

A filologia é muito antiga e precedeu de séculos a Lingüística (que só faz sua aparição científica no século XIX). Valeu-se também (e vale-se) das aquisições da Lingüística, depois que se constituiu como ciência. Mas recorre inclusive a outros ramos do saber, como a Literatura, a Mitologia, a Paleografia, a Numismática, o Folclore...

A área de concentração de suas pesquisas é o texto escrito, documento da linguagem de uma época. Por isso não se confunde com a Lingüística. Apóia-se no estudo dos textos; destes ela parte, a estes finalmente volta.

Sem língua escrita não há Filologia, seja ela arcaica ou moderna, principalmente arcaica, já que os textos modernos são submetidos de preferência a tratamento descritivo ou estilístico.

Filologia (do grego *filos*: amigo *logos*: tratado, discurso), trata do estudo geral das línguas, atendendo sobretudo à sua estrutura histórica. É o estudo de uma língua como instrumento de uma literatura. Seu método é a observação e a comparação.

Tantas quantas forem as civilizações deixadas em certas e determinadas línguas, tantas e quantas serão também as filologias. Assim, temos uma filologia clássica, uma filologia românica e uma filologia portuguesa.

Em nosso trabalho daremos maior relevo à filologia portuguesa. Realmente, desde os primórdios do século XII já nos foi legado pelo povo lusitano algumas composições literárias, atingindo elas o auge nos séculos XIII e XV. É a época de trovadores, cronistas, historiadores e místicos. O material literário nem sempre era claro e inteligível, muitas vezes era até inacessível à leitura, pois que requerendo explicações e esclarecimentos principalmente da língua arcaica, o galego-português.

Apesar disso é possível, através da interpretação de tais documentos, levantar mais ou menos perfeitamente, o quadro geral de tão remota cultura, ou seja, a civilização portuguesa da Idade Média.

Graças à filologia também, podemos acompanhar, desde o século XVI (Renascimento) até os dias atuais, os escritos de homens inspirados, admirar os seus feitos e penetrar um pouco no esplendor de suas civilizações...

Os estudos de filologia, hoje, tanto no Brasil como em Portugal, muito desenvolvidos por grandes filólogos, nos provam que há vastíssimo e ainda quase inexplorado material filológico, de tão rica filologia que é a portuguesa.

Não só estes, mas também pessoas interessadas em estudar filologia poderão compreender e interpretar documentos onde se encerram os dados de uma civilização qualquer.

Modernamente, homens de letra, historiadores, pesquisadores têm-se dedicado à coleta do vocabulário espontâneo do elemento "folc", através de observação direta ou indireta.

Isto confirma o que dissemos anteriormente, que a filologia recorre a outros ramos do saber humano.

Sendo o Folclore «a ciência sócio-cultural que estuda a cultura espontânea, da gente dos campos e das cidades» é inegável a sua contribuição ao estudo da Filologia Portuguesa.

Por exemplo, há termos que oferecem dupla significação (polissemia), porque a visão antropocultural do indivíduo não é homogênea. Cada grupo social, cada indivíduo, vivendo a sua vida principalmente de grupo especializado, toma o termo geral da língua e o acomoda à transmissão também especial de sua maneira de pensar o mundo, restringindo-lhe ou ampliando-lhe a significação.

Não é outra senão esta a causa principal das transformações semânticas que poderemos mostrar na linguagem do carreiro, de um mestre de folia-de-reis, de um rezador para as almas, de um boiadeiro, de uma tecelã de colchas feitas no tear ou de outras pessoas do povo.

Exemplo: NA LINGUAGEM DO CARREIRO

1 - **azeiteiro** - chifre de boi no qual os carreiros levam água para beber.

2 - **amuar** - dizem os carreiros, do boi que, não querendo puxar o carro, se deita na estrada, interrompendo a marcha dos demais.

3 - **argola-de-chifre** - pequenas argolas de ferro ou latão, presas a um parafuso, que se colocam nas extremidades superiores dos chifres dos bovinos, em orifícios feitos à verruma.

4 - **boi-de-junta** - o mesmo que boi carreiro, boi-de brocha, boi-de-canga, etc., etc.

5 - **binga** - chifre de boi onde os carreiros carregam a graxa para lubrificação do eixo.

6 - **brocha** - correia de couro cru, trançado, com que se prende o boi na canga.

7 - **corote** - pequeno barril, no qual os carreiros levam água para beber.

8 - **chuco** - nome que se dá em São Paulo, à vara-de-ferrão.

9 - **candeiro** - "candiero" - rapazote que vai adiante das juntas de tração, com uma vara a servir de guia.

10 - **graxeira** - chifre onde o carreiro coloca o unta para engraxar o carro.

11 - **culatra** - nome pelo qual, também se conhece a parte traseira da culatra.

12 - **Janta** - termo que designa a cinta de ferro que reveste o bordo das rodas da carreta.

13 - **mexerico** - nome que se dá à menor das argolas que completam a corda de laçar os bois.

14 - **pião** - cravo de ferro que firma o arco de ferro que recobre a circunferência das rodas dos carros.

15 - **xuleta** - nome dado à vasilha feita de um gomo de taquara, ou melhor, de bambu gigante, onde os carreiros conduzem o unta para lubrificação dos pescoços ou cavas do eixo.

a maneira de solucionar um problema, mas ao hábito; este é que persiste, embora se tenha tornado inútil o elemento cultural.

Para outros autores, não há elemento cultural que não exerça função, que não sirva para alguma coisa. O elemento sobrevive porque funciona, porque serve, embora não à maneira inicial, ainda que tenha um outro valor dentro da cultura. Somos pela segunda corrente: as sobrevivências dos elementos do passado são determinados por uma necessidade senão material, pelo menos psicológica, nem sempre patente, mas sempre existente. Só de acordo com esta concepção é que poderemos aceitar a ligação existente entre sobrevivência e o folclore, caso contrário o Folclore seria um estudo de hábitos mortos.

As sobrevivências podem vir tanto do primitivo como de qualquer estágio anterior da cultura, entretanto, elementos já superados. As sobrevivências constituem um setor importante no estudo do Folclore; mas não o único.

O Fato Folclórico

O 1.º Congresso Brasileiro de Folclore definiu o fato folclórico: Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular ou imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humanos ou à fixação de uma orientação religiosa ou filosófica.

Nesta conceituação preferimos excluir o termo imitação, porque a imitação pode ser fator de disseminação da cultura, mas a preservação se faz pela tradição.

Várias conceituações do fato folclórico são emitidas por autores nacionais e estrangeiros. Num estudo sumário, podemos abordar uma divergência que se faz presente: alguns autores só admitem como folclórico o fato preservado de um passado remoto pela tradição (são os tradicionalistas); outros consideram também como folclore o fato nascente dos meios não eruditos, considerando que a cultura é dinâmica, portanto sempre haverá novos derivados do poder criador (estes autores são considerados nascentistas — teoria do fato nascente). Os nascentistas não repelem a tradição, mas admitem ao lado da tradição o fato folclórico nascente. Sua teoria é viável uma vez que culturas estáticas são só as culturas mortas. Mas devemos considerar, também, que nem todo elemento criado ou emprestado é incorporado à cultura. Todo elemento novo passa pelo processo de seletividade.

Como se manifesta a seletividade?

A seletividade se faz espontaneamente pelo próprio povo vulgo, pela massa. O critério da seletividade manifesta-se pela duração do elemento no plano da cultura vulgar vigente. Não podem ser tidos como folclóricos os fatos de curta duração que não sofrem o processo de integração cultural. Entretanto, todas as observações de fatos aparentemente folclóricos devem ser registradas; se o fato não sobreviver, não é folclórico; se sobreviver e se integrar à cultura, será considerado folclórico e o seu registro um verdadeiro atestado de nascimento do fato.

Por outro lado, sem a aceitação coletiva, o fato não é folclórico. O que fica restrito ao uso individual, a aceitação singular não é folclore, porque não se integra à cultura.

O anonimato, característica que foi exigida ao fato folclórico, já não constitui uma exigência formal nos dias atuais. Contrariamente ao que acontece com o fato erudito, cuja paternidade é sempre registrada, o fato folclórico deixa cair no anonimato o seu autor, pelo próprio processo de coletivização. Modernamente, entretanto, já se admite que possam ser conhecidos os autores de elementos tornados fatos folclóricos, não sendo portanto imprescindível o desconhecimento ou esquecimento do autor. Uma peça de cerâmica pode ser folclórica, embora trazendo o cunho de seu autor; por outro lado, uma escultura como a Vênus de Milo não se torna folclórica pelo desconhecimento de seu autor.

Regras, cânones artísticos não serviriam para distinguir a arte erudita da arte folclórica, uma vez que a arte moderna foge a estes cânones.

A distinção reside na vulgarização. A repetição na arte erudita, desvaloriza-a; na arte menor (folclore) as duplicatas são fato de consagração.

O conhecimento do autor não tira ao fato folclórico o seu caráter específico, quando for popular e de aceitação coletiva.

A oralidade, conservação e transmissão oral também já não é mais admitida como essencial ao fato folclórico, embora na grande maioria dos casos o fato da conservação e transmissão oral esteja ligado ao fenômeno folclórico, em outros casos a transmissão e a conservação escritas não lhes tira a condição de folclórico se outras condições são preenchidas. Ex.: disso são os libretos de certos autores populares, que passam de geração em geração e pela sua extensão e complexidade, dificilmente poderiam ser conservadas sem a escrita.

Entre as características do fato folclórico, a funcionalidade é das mais importantes.

O fato folclórico não persiste por acaso, capricho ou preguiça mental; ele preenche uma certa função. A ciência ou a erudição por si sós não bastariam para satisfazer a alma humana; a função do fato folclórico é supletiva. Se o fato perde a sua expressão funcional, e não lhe é atribuída outra, perde a sua vitalidade e tende a desaparecer. Decorre daí o aspecto geográfico do fato folclórico que só se tradicionaliza e coletiviza na área geográfica em que possa desempenhar uma função. Daí, a existência de fatos internacionais e outros apenas regionais.

Podemos agora definir o fato folclórico:

Aquele que tem caráter funcional sendo na maioria das vezes anônimo e em geral transmitido oralmente pelos grupos sociais e que, quando não é tradicional, é pelo menos aceito de maneira duradoura (definição do fato folclórico).

De acordo com a definição proposta colocamos como elementos imprescindíveis à caracterização do fato folclórico: a função, a durabilidade, a aceitação coletiva.

humana. O homem já não consegue enfrentar a realidade diretamente; não pode vê-la por assim dizer, cara a cara. A realidade física parece retroceder, na medida em que avança a atividade simbólica do homem. Em lugar de tratar com as próprias coisas, o homem só as vê através de seus símbolos».

O universo cultural está repleto de significados atribuídos às coisas. Estes significados constituem valores pelos quais o homem pauta a sua conduta.

Para povos primitivos, o trovão é um ser sobrenatural (valor) o que explica sua conduta religiosa face a este fenômeno. Para o homem moderno, o trovão é o som resultante de descarga elétrica da atmosfera. A mudança do significado da coisa levou à mudança de atitude, diante do fenômeno, por isso o homem hoje não vê no trovão um elemento sobrenatural.

Conhecer as coisas, atribuir-lhes um significado (valor) e estabelecer normas de comportamento com base nas valorações efetuadas, são atividades fundamentais para o ser humano.

A simples observação do universo físico não é garantia de uniformidade de interpretações. O espírito acético do primitivo e seu natural temor diante de fatos naturais cujas causas ignorava, levaram-no ao pensamento mítico. Aqui não há leis físicas nem relações causais; a ordem do universo é elaborada e mantida por vínculos de simpatia e não de causalidade. Todos os seres têm vida e podem agir de modo benéfico ou maléfico.

Estas considerações explicam o mito do Curupira, entidade fantástica que desperta as árvores (animismo) para que a tempestade não destrua a floresta. Ficam justificados também os mitos que surgiram sob forma animal ou vegetal como a Cobra Grande, o Capelobo (Lobisomem), o Uirapuru, o Boitatá, o mito da Figueira, de gameleiras, de juremas, etc.

Com o mito é freqüente confundir-se a lenda.

Segundo o prof. Renato Almeida, o mito é uma entidade fantástica, de pura imaginação, enquanto a lenda é uma narrativa fantasiosa sobre um fato real. A consideração da História do Brasil, por exemplo, mostra heróis, cangaceiros, beatos, envoltos em narrações lendárias como Caxias, Floriano Antônio Conselheiro, Padre Cícero. A lenda do Negrinho do Pastoreio, cujos personagens não tiveram existência real, gira em torno de um fato histórico que foi a escravidão.

Nosso folclore é rico de lendas indígenas, acrescido das poucas trazidas pelo negro e das lendas européias, trazidas pelo homem branco.

Mas o nosso folclore se enriqueceu na nossa terra com o brasileiro que ao explicar a nossa realidade envolveu em narrativas lendárias o vaqueiro, o tropeiro, o bandeirante, o barqueiro, o canoieiro, o pescador e o escravo.

Mito e lenda, explicações fantásticas da realidade, satisfazem a mente do homem inculto na sua ânsia de ordenar o universo.

O domínio progressivo da inteligência, o uso adequado do raciocínio na busca de causas explicativas dos fenômenos, originaram o pensamento filosófico que nos seus incícios, vem ainda profundamente marcado pelo pensamento mítico.

O apuro das técnicas de investigação e controle dos resultados obtidos fizeram nascer da filosofia, a ciência que caracteriza o pensamento moderno.

Por que subsistem então estas formas primárias de conhecimento?

A ciência não destruiu a filosofia porque a esta compete a busca de soluções para questões inabordáveis pelo cientista tais como: o que é o homem? qual sua origem? qual seu destino? Deus existe? a matéria é eterna?, etc.

Ciência e filosofia não fizeram desaparecer o pensamento mítico, ao nosso ver, por duas razões:

a) razão social: a cultura se transmite de geração a geração sempre enriquecida pelas novas aquisições sem perder de vista a tradição.

b) razão psicológica: ciência e filosofia dirigem-se fundamentalmente à razão; explicações míticas e lendárias dirigem-se a afetividade, componente essencial do psiquismo humano.

Voltando à lenda da gruta que chora, «o fenômeno da permeabilidade da pedra, onde há estalactites, é interpretado pelo caiçara como a gruta que chora, sim, chora, são as lágrimas da serpente que o padre catequista aprisionou ali para sempre».

Fontes de consulta: Araújo, Alceu Maynard — Folclore Nacional — Vol. I; — Almeida, Renato — Curso de Folclore.

Prof.^a Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues

Diretora efetiva do Colégio Estadual "José Antônio Santana", de Guaraci (SP). Titular das Cadeiras: Introdução à Filosofia e Filosofia da Educação, da Faculdade de Educação «Dr. Antônio Augusto Reis Neves», de Barretos (SP).

CIVISMO E FOLCLORE

Bem antes da elaboração do Decreto n.º 68 065 de 14 de janeiro de 1971, regulamentando a inclusão de Moral e Cívica no currículo das escolas brasileiras, como disciplina obrigatória, o civismo e a moral, consciente ou inconscientemente, faziam parte integrante da vida

quotidiana do nosso povo. O homem humilde, especialmente o do campo, coletou através de uma tradição que se perde nos primórdios mesmo da formação da raça, inúmeros provérbios, ditos, aforismos que delimitam, de certa forma, seu campo de ação.

FOLCLORE E O MUSEU

No passado os museus eram considerados órgãos de preservação e de pesquisa. Modernamente, contudo, este conceito tem-se ampliado e os próprios museus têm procurado fazer uso de recursos eficientes, de modo a torná-los mais atraentes às multidões em geral, aos jovens e crianças.

Qualquer que seja o ramo de conhecimento humano a que estejam ligados, os museus oferecem aos visitantes conhecimentos básicos do passado e do presente, ao lado de detalhes artísticos e técnicos.

Esta afirmação se justifica ainda mais quando se trata de um museu de folclore.

O folclore nos permite apreender a alma do povo pelas suas manifestações na arte, na dança, na música, nos festejos, nas crenças.

As manifestações culturais de um povo revelam seus sentimentos e seu espírito criador. Por isso mesmo, as suas expressões artísticas são importantes e devem merecer nossa atenção.

Daí a importância de um Museu de Folclore, não visto apenas como uma coleção de peças do passado, mas um lugar onde se encontram peças usadas pelas populações que habitam as várias regiões do Brasil, em suas manifestações folclóricas.

É, portanto, um autêntico documento da «maneira espontânea de pensar, de agir e de sentir de nossa gente do campo e da cidade». É necessário preservar, tornar conhecido e respeitar o saber do povo, o folclore brasileiro.

Para que um Museu de Folclore?

— para coligir e classificar o material folclórico;

— para tornar conhecidos os recursos locais, os trabalhos característicos da região, do Estado e do país;

— para organizar uma biblioteca especializada em folclore;

— para ministrar cursos;

— para fazer publicações e divulgação do folclore brasileiro e

— para manter intercâmbio com outros museus.

Quem na organização do museu de folclore?

O museu de folclore precisa contar com um técnico especializado, para que sua apresentação e classificação sejam satisfatórias e o sentido museográfico não fique prejudicado. Por isso, o museu deve ser entregue a técnicos e verdadeiros estudiosos do assunto.

São Paulo possui o Museu de Artes e Técnicas Populares, mais conhecido como Museu de Folclore. Olímpia terá também o seu museu de folclore. Temos certeza que será um dos pontos de atração de nossa cidade, tornando todo visitante consciente da riqueza e valor do folclore brasileiro. Será um encontro entre a nossa escola e nossa comunidade, pelo seu valor educativo. Será uma ponte entre o passado e o presente. Será o nosso folclore falando bem alto, não apenas durante a semana do festival, mas durante todos os dias do ano: da língua que falamos, do modo que trajamos, de nossa alimentação, das festas que comemoramos, das brincadeiras das crianças, dos bordados, dos enfeites, das cerâmicas, das histórias que as mães contam às crianças...

TEREZA COLETTI SOUZA

Professora efetiva de Educação no
C.E.N.E. "Cap. Narciso Bertolino" - Olímpia

Mito e Lenda: Implicações Filosóficas

Curupira

«É um menino escurinho da cor de índio que tem os pés voltados para trás, vive medido no meio do mato. Pressentindo as tempestades que poderão trazer danos à floresta, bate nas árvores para que estas despertem e assim resistam à fúria das intempéries».

A gruta que chora

«A gruta que chora fica na praia de Sununga, ali pouco adiante de Iperoigüe, nas terras dos Tamoios, onde Anchieta foi refém.

Contam que todos os anos emergia do mar uma enorme serpente e só aplacava sua ira após ter engolido uma índia virgem, repasto opíparo, que a fazia voltar para as águas.

A indiada assustava-se sempre com a horrível aparição.

Um dia, quando a serpente apareceu e a bugrada espavorida temia dar sua contribuição, um catequista que ali estava, de crucifixo em punho enfrenta o monstro marinho que, saindo d'água refugiou-se para sempre naquela furna. (Repete-se o Teseu em terras paulistas).

Hoje, quando alguém visita a furna da praia da Sununga, faltando com o respeito ao ambiente lendário, falando pouco mais alto, gotas d'água caem do teto — é a gruta que chora».

Transcritos o Mito do Curupira e a Lenda da Gruta que chora, podemos partir de sua consideração para uma breve análise de suas implicações na totalidade da experiência humana.

«O homem - escreve Ernest Cassirer - vive num mundo simbólico: linguagem, mito, ciência, arte e religião são partes deste universo. Constituem os diversos fios que tecem a rede simbólica, a complicada trama da experiência

coisas, a pedra e até o mesmo ferro para expressar sua arte. Joaquim Garcia optou pela cera.

Usando um martelinho, formão, faca e uma palheta, faz suas figuras em cera de abelha. Para colorir o seu folclore bem brasileiro de imagens, figuras de presépio, figuras lendárias e animais (antropomorfismo e zoomorfismo) usa cores firmes que aparecem em desenhos baseados na religião, na flora e na fauna brasileiras.

Por determinação de nosso professor, o folclorista Dr. José Sant'anna, procuramos o Sr. Joaquim Garcia — artista importante na revelação da imaginação criadora.

O artista

Em Mirassol (SP) nasceu Joaquim Garcia, conhecido pelo apelido de Zico. Em Olímpia vive e trabalha. É funcionário do D.E.R. Pertence à religião católica, mas conhece e admira a Lei de Umbanda.

Freqüentou apenas os primeiros anos da Escola de 1º grau, na cidade de Mirassol. É inteligente e cheio de vontade de triunfar. É casado. Sua esposa, Maria Nunes Garcia, também possui dotes artísticos. Tem dois filhos: Marli e Marco Antônio, garotos bonitos e saudáveis.

Suas peças vêm sendo expostas, em coletivas ou individuais, pelo Estado de São Paulo afora. Na capital paulista — Museu de Artes e Técnicas Populares (Folclore), no Ibirapuera, do qual é diretor o professor Dr. Rossini Tavares de Lima (um dos mais importantes escritores do folclore brasileiro) — está um de seus presépios feito para a Exposição de Presépios, Arte e Artesanato de Natal, no ano de 1968.



É citado pelo mesmo professor Rossini no Calendário Philips/71: «A cera também é trabalhada no Estado de São Paulo para esculturas de imagens, animais e peças de presépio. O maior artista em cera é o operário do D.E.R., em Olímpia, Joaquim Garcia, de quem o Museu tem alguns exemplares».

Participou de um dos programas do Silvio Santos «Cidade contra Cidade», na TV Tupi-Canal 4, em 1970, mostrando seu artesanato de cera. Expõe seu trabalho em todas as Exposições de Folclore e de Presépios de Olímpia.

A seguir, fizemos estas perguntas ao Seu Zico:

1) Quando o senhor fez os seus primeiros trabalhos?

— «No 1.º ano de escola. Eu tinha 8 anos. A professora pediu p'ra levar material p'ra fazer trabalho manual. Então levei uma pelota de cera e uma caixa de fósforo. Ela não gostou, mas eu insisti em fazer um cavalo e um cavaleiro. Amoleci a cera e com paciência consegui o que queria. Depois tentei fazer uma comitiva. Só que desta vez usei também couro, pano e arame. Até colchete de gancho usei. E o meu terceiro trabalho foi uma santa: Nossa Senhora Aparecida».



2) Quando o senhor começou a colorir suas peças?

— «Todos os trabalhos eram na cor natural da cera. Só depois que aprendi a fazer bem os trabalhos é que usei tinta. Eu já era moço, quando comecei a colorir a cera».

3) O senhor sempre fez os trabalhos ou parou por algum tempo?

— «Depois de um bom número de peças parei de fazer. Desanimei. Não quis mais saber disso. Elas eram bonitas, mas ninguém nunca me convidou para fazer uma exposição. Só na escola que elas saíam na exposição».

Depois de muito tempo que não fazia as peças, um dia apareceu aqui em minha casa um moço muito animado, o moço do folclore: o professor Sant'anna e me disse para continuar fazendo. Eu não tive coragem de dizer não e continuei».

4) Como o senhor adquire a cera?

— «Um pouco a gente compra preparada de algumas pessoas do sítio. Outras vezes a minha mulher prepara em casa».

5) Como o senhor prepara a cera?

— «Depois que tira o mel dos favos aquela massa que sobra a gente junta, põe num saquinho de pano e fecha a boca dele com um barbante e põe dentro de um tacho ou panela com água fervente. Depois de alguns minutos vai saindo pelos buraquinhos do saquinho a cera pura que vai ficando por cima da água. A gente com uma colher vai tirando a cera e colocando numa vasilha».

«Quem ama o feio, bonito lhe parece». Anda de boca em boca. Todos repetem. Muitas vezes sem saber por quê. No entanto, na boca do homem simples, que grande lição de moral! Solidariedade humana, bondade, aceitação dos defeitos alheios, civismo que não precisa estar inscrito nas páginas de um Código, nas folhas de um guia de civismo.

A alma do brasileiro se desnuda quando, em singelas cantigas, toda sua ancestral tristeza se revela, quando toda sua ancestral sabedoria se expõe. — «O anel que tu me deste, era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas, era pouco e se acabou». Rima pobre, não importa, mas que profundidade filosófica, que riqueza de expressão!

«Macaco velho não trepa em galho seco». É mais do que uma lição de moral. Não há compêndio de Educação Moral e Cívica que consiga, de modo tão singelo, nortear o homem para que não recaia no erro. Persistir no erro é proibido. Errar é humano.

«Se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de brilhante, para o meu amor passar». Mãos abertas do brasileiro, homem que não quer riquezas para si, mas que a deseja a fim de dispor dela para o bem de outrem. Isso é civismo puro, natural, espontâneo.

E assim através de rica tradição oral, que se transmite ao pé do fogão de lenha, ao redor da cuia de chimarrão, junto à cachaça que corre de mão em mão, ao lado do berço da criança, ao balanço da rede, à beira dos rios, no encapelado mar, nos botequins, nos portos, no eito do café, nas picadas do campo, nos trilhos da mata, o brasileiro vai demonstrando seu grande apego à terra onde vive, seu amor à Pátria, sua crença em futuro gigante para a sua gente, seu espírito de lealdade e cooperação, sua alma que se libra além da pequenez do mundo pobre que o cerca, acima de tudo e de todos.

As tradições populares através do programa de Educação Moral, Social e Cívica na escola, poderão, é certo, serem melhor cultivadas, melhor orientadas e, conseqüentemente, melhor preservadas. Compete ao professor de Educação Moral e Cívica, mais do que aos outros professores, mais do que aos pais, orientar o educando no sentido de mostrar a ele que, aquilo que inconscientemente está incorporado ao seu mo-

do de vida, faz parte do nosso folclore, faz parte das tradições da nossa gente e, como tal, merece ser perpetuado e retransmitido às gerações futuras. Deve-se levar o aluno a compreender a grandeza de sua Pátria, o valor de sua gente, a riqueza da música folclórica, da poesia singela do homem inculto, da arte sem escola, das superstições e credences de todo um povo, das lendas. O aluno aprenderá a cantar os seus heróis, a valorizar o suor daqueles seres anônimos que mourejam de sol a sol para produzir bens que auxiliam a preservação de uma raça viril. Descobrirá a fundamentação moral de uma fábula, a poesia dos folgedos infantis, a riqueza de uma dança tradicional, a magia de um traje típico, o valor de um homem simples que canta sua gente e seus feitos sem apor sua rubrica na canção que, espontaneamente, sai de seu coração.

Deixemos nossas crianças retornarem à simplicidade de seus tempos de roda, de ciranda, cirandinha; da amarelinha... deixemos que o homem do campo louve a natureza bela de sua terra em poemas carentes de gramaticismo espúrio mas exuberantes em profundezas filosóficas e amor sincero; deixemos que nossa gente perpetue em sua arte primitiva a pureza da alma de artista brasileiro; deixemos que nesse povo, do Norte a Sul, extravase a pujança de uma raça varonil, através de sua dança sensual, violenta, folgazã, ingênua-brasileira, enfim...

É bom que haja uma cadeira dedicada à Educação Moral e Cívica nas escolas brasileiras. É bom. É necessário. Mas é mais necessário ainda, que o professor de Educação Moral e Cívica conheça o Folclore brasileiro, ame a singeleza das tradições populares, seja capaz de transmitir amor ao homem humilde, boa vontade para com a poesia natural e desinibida de poeta que não teve escola, que ele seja, também, «folc».

Iseh Bueno de Camargo

Professora efetiva de Educação e de Educação Moral e Cívica no C.E.N.E. «Cap. Narciso Bertolino».

A ESCULTURA FOLCLÓRICA

“NÃO É ABELHA, MAS TRABALHA COM CERA”

Reportagem dos alunos: Antônio Salvador Pianta, João Carlos Sponquiado e Vera Lúcia Bernardes (do Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos do C.E.N.E. “Capitão Narciso Bertolino” - Olímpia).

Não é necessário ter nascido em palácio para alguém vir a ser grande no mundo. Muitos nasceram em casas simples e viveram a vida toda pobres de dinheiro e às vezes até de aparência. E destes, o valor exato se encontra na pureza dos sentimentos, no vigor da inteligência

e na intensidade do esforço, exteriorizados na conduta.

A arte tem mil formas de expressão e o artista pode escolher, livremente, aquela que lhe dá maior comunicação.

Escultores têm escolhido, entre muitas

PESQUISA FOLCLÓRICA

Fragmentos de uma aula ministrada pela professora Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues (da cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva — (SP), no curso «Pesquisa Folclórica», realizado em agosto de 1970, em Olímpia, coordenado pelo professor José Sant'anna (da Associação Brasileira de Folclore).

Problemas Relativos ao Fato Folclórico:

Por sua importância, para a conceituação do fato folclórico, dois pontos precisam ser ainda abordados: o da natureza dos elementos da cultura e os relativos às tradições e sobrevivências.

a) Natureza dos elementos culturais

Os elementos de uma cultura podem ser agrupados em 3 ordens:

- 1 - os que se prendem à vida material,
- 2 - os que se ligam à vida social,
- 3 - elementos relativos à vida mental.

Os que se prendem à vida material referem-se à alimentação e conseqüentemente às armas, utensílios, técnicas empregadas na sua obtenção e preparo; aos transportes, diversidade do trabalho, cerimônias sazonais, proteção individual e grupal: vestuário, habitação, mobiliário, adorno, etc.

Os elementos de ordem social prendem-se à reprodução e conservação do grupo: família, costumes nupciais e preceitos sexuais; ao direito de sucessão; à guerra e à paz; à educação; ao exercício, à saúde, à higiene; aos costumes e cerimônias funerárias; ao controle social, à organização e à moral do grupo.

Os elementos de ordem mental prendem-se às cogitações filosóficas, à concepção do mundo, às crenças religiosas, aos mitos, ao culto, à magia e à medicina; às artes plásticas, à música, ao canto, à dança, ou seja, às artes rítmicas, etc.

Todos os elementos citados prendem-se às necessidades básicas e derivadas, cuja satisfação implica no crescimento e nas transformações da cultura.

Tais elementos, sujeitos a processos de modificação foram traços e complexos criados ou descobertos, inventados ou tomados por empréstimo, e que, adotados e transmitidos oralmente, de geração em geração, constituem a tradição, para a qual contribuíram os elementos do grupo com suas experiências individuais. Desta forma, podemos estabelecer os quatro fundamentos de cultura vulgar, que são:

- 1 - a adoção pelo grupo do elemento criado ou emprestado, ou seja, a sua generalização.
- 2 - a transmissibilidade verificada de uma geração à outra, ou seja, a tradição.
- 3 - a oralidade, devida ao desconhecimento do registro escrito, como processo de transmissão e conservação da cultura.
- 4 - a perda pelo grupo do conhecimento ou da lembrança do criador ou inventor do elemento, desconhecimento ou esquecimento que representa como conseqüência o anonimato.

Estes fundamentos são importantes, pois sobre eles se assenta a caracterização dos fatos folclóricos.

Do estágio de cultura primitiva ao estágio da civilização atual da humanidade desenvolveu-se um longo processo de acumulação de conhecimentos, verdadeira sedimentação de camadas de saber. Esta sedimentação é importante para o estudo do Folclore, uma vez que as sobrevivências (que para alguns autores constituem a base do folclore) nada mais são que aflorações dos conhecimentos sedimentados. Embora o Folclore não seja mais apenas estudo das sobrevivências muitos de seus estudos enquadram-se nesta área.

A cultura superior, erudita, também sofre os processos de doação e transmissão, mas a invenção da escrita, dos processos de registro, excluíram a oralidade e o anonimato.

Cultura erudita e cultura vulgar, são filhas da mesma fonte: a cultura primitiva. Cada dia mais a cultura erudita vem desenvolvendo uma atitude de compreensão em relação à cultura vulgar.

Tradição e Sobrevivência

Já vimos que a maneira de resolver uma necessidade leva à formação de um hábito, à criação de um uso, ao estabelecimento de um costume e à fixação de uma tradição.

Tradição é um conjunto de dons que uma idade entrega à que sucede para que esta, por sua vez, a transmita à que lhe há de suceder - e assim pelos tempos afora (Ismael Moya).

As tradições vivem. Podem ter uma vida curta, por serem abandonadas, substituídas ou modificadas a ponto de perder suas feições iniciais. Podem, por outro lado, manter-se estáveis ou com alterações mínimas, de maneira a atravessar os tempos, indefinidamente.

A tradição também pode entrar em regressão, em decadência, principalmente quando é mantida em sociedades de adiantada cultura. A decadência pode levar uma tradição ao seu total desaparecimento (quando falta o elemento humano para conservá-la ou pela dispersão dos componentes da sociedade ou pela desaparecimento total do grupo). A reaparição da tradição também pode se verificar.

Quando uma tradição se mantém, apesar do desenvolvimento cultural do grupo, a ter substituído na sua função por um outro elemento, tornando-se um anacronismo dentro da paisagem cultural, o fato é chamado sobrevivência. Sobrevivência porque conserva a sua vitalidade, ou reaparece no seio da massa, embora o padrão cultural da mesma tivesse permitido ou facilitado a sua substituição ou desaparecimento.

Alguns autores admitem as sobrevivências como elemento sem função, persistindo inutilmente pela força do hábito. A tradição agora, já não se prende ao elemento propriamente dito

Depois leva outra vez no fogo numa panela para apurar a cera. Quando estiver pronta despeja numa vasilha qualquer para esfriar. Depois que ela endurecer fica do formato da vasilha. A cera fica com uma cor amarelada, mas se o favo for branco, ela fica branca também.

6) O que se faz para colorir a cera?

— «Pega a cera apurada e leva ao fogo outra vez. Quando derreter a gente põe uma boa quantidade de tinta xadrez (tinta em pó que os pedreiros usam para pintar paredes). Deve pôr bastante tinta para ficar bem forte a cor. Depois tira do fogo e põe de novo na forma e deixa esfriar. Quando a gente quer um verde claro, por exemplo, é só levar um pedaço de cera de verde-escuro e um pedaço de cera de cor natural, ao sol. Quando esquentar, a gente vai misturando as duas ceras até dar a cor que a gente quer. E assim faz com todas as cores».

7) De que maneira o senhor molda as suas peças?

— «Faça de conta que eu quero modelar um homem. Então, pego um tanto de cera (daquela do sol) que dá p'ra fazer a figura e vou dando o formato de homem. Depois com uma faca de mesa bem modelada, vou fazendo os traços da figura de gente».



8) É difícil fazer uma figura qualquer?

— «P'ra mim não. Dá é muito trabalho, mas não é difícil. Se vocês quiserem experimentar, eu deixo vocês tentar fazer uma peça».

9) O senhor aprendeu com alguém a fazer estes trabalhos?

— «Não. Faço tudo, tirando da minha cabeça. Eu sou muito observador. Quando quero fazer alguma coisa eu presto muita atenção e pode passar muito tempo eu não esqueço de nada, nem do menor traço que tem».

10) Quais as peças que o senhor acha mais importantes?

— «Eu já fiz p'ra mais de mil peças. Algumas andei oferecendo p'ros amigos que gostam dos meus trabalhos. Mas depois o professor Sant'anna não quis que vendesse e nem

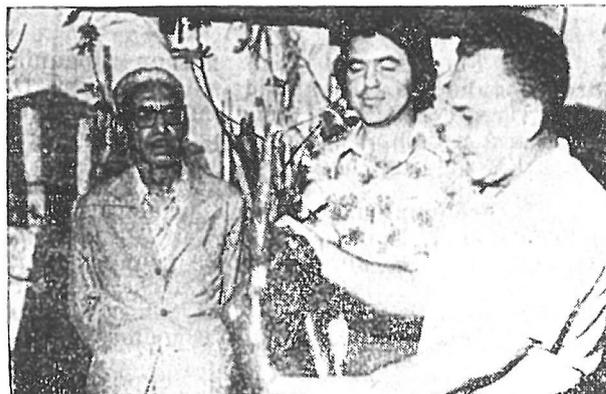
desse as peças. Acho que ele quer fazer um museu com elas. As peças mais importantes são:

a) com forma de gente: um índio e um bandeirante;

b) com forma de animal: um boi, uma onça e um cachorro;

c) com outra forma: uma casa de cabloco».

A seguir, fotografamos o Seu Zico e algumas de suas peças em cera.



E assim terminamos nossa entrevista. O senhor Joaquim Garcia (residente na Vila Cisoto) sabe trabalhar também com pedra-sabão, areia, gesso, madeira, cabaça, cimento comum, cimento branco e com isopor. Data da pesquisa: 6 de julho de 1973.



9.º Festival do Folclore

(de 13 a 19 de agosto)

OLÍMPIA

CAPITAL DO FOLCLORE

Elementos freqüentes, mas não obrigatórios:

- a tradição,
- a oralidade,
- o anonimato.

Os elementos essenciais não poderão

faltar na caracterização, e incidem sempre simultaneamente no fato folclórico. Os elementos facultativos poderão faltar, em conjunto ou isoladamente, ainda que na maioria das vezes, se encontrem presentes na determinação do caráter folclórico de um traço ou um complexo cultural.

OBSERVAÇÃO: Este sumário de palestra pretende ser um modesto subsídio à formação do pesquisador do folclore.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - CABRAL, OSWALDO R.: Cultura e Folclore.
- 2 - ALMEIDA, RENATO: Manual de Coleta Folclórica.
- 3 - LIMA, ROSSINI TAVARES: Abecê do Folclore.

Esquema de um plano de aula

Prof. José Sant'anna

Colégio:

Plano de aula n.º Disciplina: Comunicação em Língua Portuguesa.

Série: 5.ª (quinta). Curso: 1.º grau. Data:

Horário: Turno:

Professor:

Assunto: Conto folclórico «**A ONÇA E O GATO**», coligido por Sílvio Romero.

I - Objetivos:

a) Instrucional:

b) Educacional:

II - Material didático:

III - Motivação da aprendizagem:

IV - Procedimento didático:

V - Desenvolvimento provável da aula:

VI - Fixação da aprendizagem:

VII - Verificação da aprendizagem:

VIII - Bibliografia:

Eis um texto e o seu desenvolvimento:

A onça e o gato

Sílvio Romero

A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais. Chegando à fonte, encontraram lá o calangro e então disse a onça para o gato:

— «Compadre, vamos ver quem de um só pulo pega o camarada calangro?»

— «Vamos», disse o gato.

— «Só você pulando adiante», disse a onça.

O gato pulou em cima do calangro, a onça pulou em cima do gato. Então o gato pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse:

— «Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou...»

O gato respondeu: — «Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes».

(Conto popular de Pernambuco, coligido por Sílvio Romero).

Vocabulário:

desapontado (adj): sem jeito

acabar (verbo): findar, rematar, terminar.

aprendiz (s.m.): aluno, discípulo.

banda (s.f.): lado

calangro (s.m.): pequeno largato

I) A - INTERPRETAÇÃO:

O gato ensinou a onça a pular, mas por precaução não lhe ensinou tudo quanto sabia.

Encontrando o calangro, o gato pulou-lhe em cima e a onça, imediatamente, pulou em cima do gato que, desconfiado, soltou de lado.

Desapontada, reclamou a onça, ao que o gato respondeu: »Nem tudo os mestres ensinam ao aluno.»

B - Questões para a interpretação:

1 - Que pediu a onça ao gato?

2 - Que fez a onça para devorar o gato?

3 - Como o gato se livrou da onça?

4 - De que se queixou a onça?

5 - Que disse o gato?

6 - Que lição se colhe dessa fábula?

II) - ESTUDO DAS IDÉIAS

1 - Ponha X nos parênteses que precedem as respostas certas:

a) A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular. E o gato:

- () ficou com medo e fugiu.
- () negou-se a ensinar.
- () prontamente lhe ensinou.

b) A onça e o gato fizeram uma aposta para ver quem pulava melhor.

- () A onça foi mais esperta
- () O gato ludibriou a onça
- () Ambos eram traiçoeiros

c) Quando a onça fez a proposta ao gato era sua intenção:

- () aprender novo pulo
- () provar ser mais esperta
- () devorar o gato

2 - A onça disse: — “Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou...” Procure explicar por quê.

3 - Descubra um provérbio que melhor se aplique à onça do texto.

4 - Conte a estória do texto com suas próprias palavras.

III) - ESTUDO DO VOCABULÁRIO

1 - Acerte a relação entre as duas colunas:

- a) escapar () discípulo, aluno
- b) pedir () desertar, fugir
- c) aprendiz () lado
- d) banda () rogar, solicitar

2 - Substitua as palavras, em grifo, por sinônimos:

- a) Nem tudo os mestres ensinam aos aprendizes.
- b) Você principiou e não acabou, disse a onça desapontada.
- c) Pediu a onça ao gato que lhe ensinasse a pular.

IV) - ESTUDO DA COMPOSIÇÃO

Ponha em ordem as ocorrências, de acordo com o texto:

- () “Vamos ver quem de um só pulo pega o camarada calangro”.
- () “Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes”.
- () Só você pulando adiante.
- () A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular.
- () O gato pulou de banda e se escapou.
- () Fizeram uma aposta para ver quem pulava mais.

V) - RECAPITULAÇÃO GRAMATICAL

1 - Revisão

- a) - Calangro ou calango - As duas formas são levemente diferentes, mas consideradas corretas e usuais. São formas variantes.
- b) - Onça - A palavra onça apresenta uma única forma para o masculino e feminino. A distinção de sexo é feita com o auxílio das palavras macho e fêmea. O mesmo acontece

com calangro. São os epicenos.
c) - Verbos defectivos que exprimem vozes de animais.

Para a onça: bramar, miar, uivar, urrar.
Para o gato: bufar, miar, resbunar, ronronar, rosar.

Para o calangro: gecar.
Estes verbos são unipessoais.

2 - Exercícios

a) Passe para o feminino:

«Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes».

b) Passe, primeiro para o aumentativo sintético, depois para o diminutivo sintético e, finalmente, para o plural: A onça pediu ao gato que lhe ensinasse a pular.

c) O que significam as seguintes expressões:

1 - balaio de gato. 2 - arranha - gato. 3 - olho-de-gato. 4 - comida de onça. 5 - amigo da onça. 6 - comer da banda podre.

VI - Proposição de atividades

a) Trabalho escrito

1 - Fazer uma relação de contos folclóricos (de origem indígena européia, africana ou mestiça) dos quais participam a onça ou o gato.

2 - Minicomposição:

O tema é: O gato e a onça.

3 - Pesquisa

O que vem a ser:

- 1) estória?
- 2) conto?
- 3) fábula?
- 4) folclore?

b) Música folclórica

Em situação recreativa a estória inspira esta melodia folclórica:

A Moça e a Mosca

— I —

Tava a moça em seu lugá
Veio a mosca lhe atentá
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— II —

Tava a mosca em seu lugá
Veio a aranha lhe atentá
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— III —

Tava a aranha em seu lugá
Veio a barata lhe atentá
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— IV —

Tava a barata em seu lugá
Veio o rato lhe atentá
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— V —

Tava o rato em seu lugá
Veio o gato lhe atentá
O gato no rato
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— VI —

Tava o gato em seu lugá
Veio o cão lhe atentá
O cão no gato
O gato no rato
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— VII —

Tava o cão em seu lugá
Veio o lobo lhe atentá
O lobo no cão
O cão no gato
O gato no rato
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

Canto acumulado gravado em disco compacto-duplo pela Chantecler (SP). Interpretado por Odair Paulo Macedo e Antônio Ferreira Macedo (com seus instrumentos: viola e violão)

— VIII —

Tava o lobo em seu lugá
Veio a onça lhe atentá
A onça no lobo
O lobo no cão
O cão no gato
O gato no rato
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— IX —

Tava a onça em seu lugá
Veio o véio lhe atentá
O véio na onça
A onça no lobo
O lobo no cão
O cão no gato
O gato no rato
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

— X —

Tava o véio em seu lugá
Veio a véia lhe atentá
A véia no véio
O véio na onça
A onça no lobo
O lobo no cão
O cão no gato
O gato no rato
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

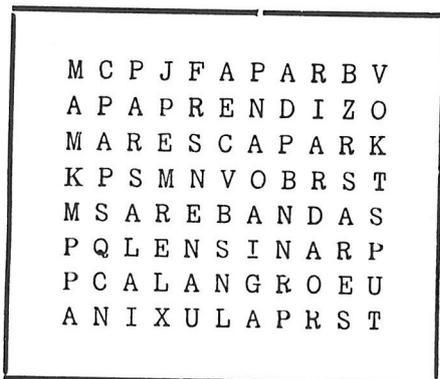
— XI —

Tava a véia em seu lugá
Veio a morte lhe atentá
A morte na véia
A véia no véio
O véio na onça
A onça no lobo
O lobo no cão
O cão no gato
O gato no rato
O rato na barata
A barata na aranha
A aranha na mosca
A mosca na moça
A moça namora
Eu não posso namorá.

da Fazenda Cachoeirinha. Tema coletado em agosto de 1965 por José Sant'anna. Informante: Benedito Delfino Moreira, de 70 anos, residente em Olímpia.

Passatempos

Estão escondidos, neste quadro, os nomes de 5 (cinco) palavras do texto: aprendiz, escapar, banda, ensinar e calangro.



APRENDIZ - O que aprende ofício ou arte; principiante.

ESCAPAR - Saltar, agitar-se, livrar.

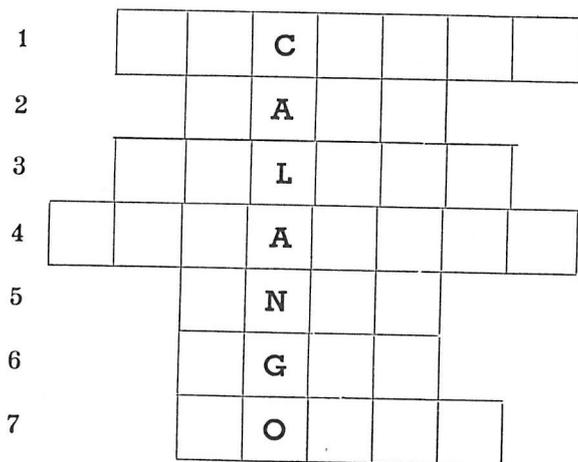
BANDA - Parte lateral, lado.

ENSINAR - Instruir, doutrinar, educar.

CALANGRO - nome do lagarto verde comum.

Palavras Cruzadas

n.º 1



1 — Livrou, safou.

2 — Animal doméstico, pertencente à família dos felídeos.

3 — Saltava; agitava-se

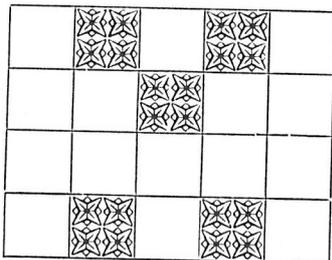
4 — Companheiro de quarto, colega.

5 — Maior felídeo brasileiro.

6 — Solvente universal.

7 — Nascente de água; mina.

n.º 2



HORIZONTAIS

1—3.ª vogal — Verbo ser na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo - 2.ª consoante.

2 — Combinação da preposição de com o artigo o — Verbo ver na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

3 — Deste modo; do mesmo modo.

4 — 18.ª letra do alfabeto — Artigo definido masculino — 1.ª letra no nosso alfabeto.

VERTICAIS

1 — Partidas; antônimo de voltas.

2 — Artigo definido, masculino, plural.

3 -- Verbo ser na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo — Desacompanhado.

4 — 1.ª pessoa do singular do verbo ver no pretérito perfeito do indicativo.

5 — A parte mais elevada, cume, sobre.

TEXTOS SUPLEMENTARES

Onça

A onça pertence à família dos felídeos. É um mamífero carnívoro. É conhecida também pelos nomes de jaguar, jaguaretê, canguçu ou onça pintada. A onça pintada devora antas, capivaras, macacos, veados e outros animais. É ágil, silenciosa e paciente. Entra na água e não perdoa sequer os peixes. Tem um pouco de receio da anta, do touro e do porco-do-mato. O casal de onças cuida com empenho de seus filhotes. Para defendê-los, investe até contra o homem, a quem normalmente teme. A onça-mãe é quem ensina tudo aos filhotes, que são medrosos quando pequenos. É caçada com cães onceiros adestrados e com zagaia (lança para abater onças na região do pantanal mato-grossense). Sabe nadar com muita destreza. Pele de onça é troféu de muito valor e muito procurado. Para encontrar onça, é preciso ir procurar no meio das grandes matas, perto das aguadas.

A onça toma parte ativa no folclore indígena e é assunto predileto das diversas regiões do interior brasileiro.

Gato

O gato foi domesticado no antigo Egito, por volta do século XXX antes de Cristo, a fim de auxiliar na proteção das colheitas contra ratos e pássaros.

No Egito, o popular felino, por sua grande utilidade, passou a animal sagrado. Era um animal muito querido. Quando morria, seus donos punham luto.

Do Egito, o gato domesticado passou a todo mundo. Mas só foi considerado um animal comum a partir do século VI depois de Cristo.

Antes, era tido como ser de estranhos poderes. Algo dessa superstição sobrevive nas credenças e ditos populares a seu respeito: animal astuto, infiel, sem escrúpulos, dotado de sete vidas, que dá azar a quem o mata. O gato tem um período de vida média de dez anos. Sofre constantemente de asma, sendo esta uma das poucas doenças que o atingem. Há muitos tipos de gato. É um animal mamífero, carnívoro da família dos felídeos. Seus alimentos: leite, peixes e ratos.

Traços biográficos de Sílvio Romero

Sílvio Romero nasceu em Lagarto, lugar de Sergipe, em 1851. Bacharelou-se pela

Faculdade de Direito do Recife, fixando-se no Rio de Janeiro. «Foi um dos primeiros estudiosos que distinguiu a posição do elemento negro no folclore brasileiro. Iniciou as pesquisas de campo. Devemos considerá-lo o pai espiritual de todos os que, no Brasil atual, se dedicam à pesquisa de folclore». Faleceu em 1914.

Suas obras principais: A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna (1880); História da Literatura Brasileira (1888); A Poesia Contemporânea (1869); Minhas Contradições (1913); A Filosofia no Brasil (1878); Da Crítica e sua Exata Definição (1909).

Orientação Bibliográfica

1 - Azevedo Filho, Leodegário Amarante:

Didática da Língua Portuguesa - Ministério da Educação e Cultura - Rio de Janeiro (1961).

2 - Cretela Júnior, José: Português (volume 1) - 3.^a edição, Companhia Editora Nacional - São Paulo (1966).

3 - Ferreira, Reinaldo Matias: Estudo Dirigido de Português - 5.^a série do 1.^o grau 7.^a edição - Editora Ática - São Paulo (1973).

4 - Lima, Rossini Tavares: Abecê do Folclore - 5.^a edição - Ricórdi - São Paulo (1972).

Sugestão para a realização de uma Maratona Intelectual Folclórica

Maratona realizada no Festival do Folclore de 1969

Como parte comemorativa das festividades folclóricas, a Comissão Municipal de Folclore, solicitou a colaboração de duas eminentes professoras: Palmira Marcelina Degasperi Rodrigues e Deise Maziteli para elaborarem as normas de uma Maratona Intelectual.

Após algumas encontros apresentaram as seguintes sugestões, excelentes em todos os aspectos e que foram oficializadas pela Comissão.

Local da inscrição: CENE «Cap. Narciso Bertolino».

Dias: de 1.^o a 9 de agosto de 1969.

Horário: das 7 às 11 horas.

Observações:

1.^o) As inscrições serão feitas por grupos compostos de 7 elementos (alunos dos 1.^o e 2.^o graus)

2.^o) As provas serão formuladas 48 (quarenta e oito) horas antes de sua apresentação, versando sobre os seguintes temas do nosso folclore:

- a) Artesanato;
- b) Danças, bailados e folguedos populares;
- c) Músicas e cantos folclóricos;
- d) Festas e influências religiosas;
- e) Lendas;
- f) Crendices e superstições;
- g) Cozinha popular.

3.^o) Apresentação das provas em auditório, obedecendo aos seguintes critérios:

- a) Platéia (aplausos).
- b) Comissão Julgadora (membros).

4.^o) Local da Maratona: Auditório da Rádio Difusora-ZYG 8 - Olímpia.

5.^o) Maiores informações serão fornecidas no momento da inscrição (duração, valor das provas, participação, apresentação dos grupos e prêmios).

Provas da Maratona Folclórica

1.a prova:

Coletar na sua comunidade:

- a) um objeto de barro
- b) um objeto de madeira
- c) um produto de tecelagem

A mostra apresentada será pelo coletor, indicando: nome do objeto, utilidade, material usado, artesão (nome, idade e local da residência). Duração: 5 minutos.

2.a prova:

Grupo de dança folclórica da região com ficha informativa, indicando o nome da dança, bem como sua origem e motivo, para uma apresentação de 5 minutos. Também deverão ser fornecidos alguns dados sobre os elementos que compõem o grupo. Duração: 10 minutos.

3.a prova:

Apresentação de um prato típico folclórico, ficha informativa, origem do prato, receita, cozinheira (idade, nome e onde aprendeu a receita). Duração: 5 minutos para cada equipe. Não será levada a julgamento. Missão cumprida.

4.a prova:

Apresentação de um folguedo popular, pelos próprios alunos. Duração: 5 minutos para cada equipe.

5.a prova:

Dramatização de uma lenda brasileira. Duração: 5 minutos.

6.a prova:

Painel: Responda ou passe, versando sobre os seguintes temas do folclore brasileiro: Artesanato; Músicas, Danças e Bailados; Indumentária; Cozinha; Lendas, Crendices e Superstições; Festas Religiosas; Linguagem e Literatura.

BIBLIOGRAFIA

Revista do Ensino n.º 95 — Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul — 1963.

Abecê do Folclore — Rossini Tavares de Lima — páginas 34, 35, 36, 39 e 40.

Enciclopédia Delta Larousse — Vol. IV — Mitos do Folclore Brasileiro; vol. IX — Música Folclórica, Cantigas, etc. Contracapa do disco da Chantecler: Danças Folclóricas Brasileiras (ELY CAMARGO).

REGULAMENTO

1.a prova:

Os objetos serão julgados e comparados 1 a 1 e votados:

a) palmas da platéia (1 ponto). Pode ser considerado empate, contando-se 1 ponto para cada equipe.

b) pelo júri, cujos elementos deverão mostrar apenas o cartão com número de equipe.

2.a prova:

O grupo de danças será apresentado durante 5 minutos. O julgamento será feito em seguida pela platéia (1 ponto); pelo júri (5 pontos).

3.a prova:

Apresentação de um prato folclórico com ficha informativa. A prova não será levada a julgamento. Missão cumprida.

4.a prova:

Apresentação do jogo durante 5 minutos. Julgamento pelo auditório e pela Comissão.

5.a prova:

Dramatização de uma lenda brasileira (5 minutos), durante os quais o apresentador irá narrando a lenda. Julgamento: auditório e comissão.

6.a prova:

Painel:

a) sorteio da equipe que irá iniciar o jogo.

b) cada equipe deverá passar, no mínimo 2 vezes para a outra.

c) quem começa, escolhe o assunto, devendo obedecer à ordem das questões:

— quem passa escolhe o assunto para a equipe contrária.

— quem erra perde o direito de escolher o assunto a ser passado para a outra equipe.

— quando antes da pergunta se encontrar um ponto de interrogação, o interrogado poderá atribuir a ela até 20 pontos (à sua escolha); acertando, a equipe ganha os pontos apostados e errando, perde a equipe os pontos apostados.

— o valor de cada questão é dado pelo número de ordem do painel.

— só será considerada válida a 1.a resposta.

Maratona Intelectual Folclórica

Programa:

Inicialmente, o apresentador dirigiu-se aos presentes, para os cumprimentos, apresentação das equipes, júri; em seguida, falou das razões e finalidades da Maratona Folclórica (cultural, educativa, etc.).

As provas foram apresentadas na seguinte ordem:

Equipe 1:

1.ª PROVA:

a) Nome do objeto: Dupla sertaneja

Material usado: barro.

Nome da pessoa: Antônia Gonçalves Vechiato.

Idade: 36 anos.

Endereço: Fazenda Paiolinho - Baguaçu.

Grau de instrução: analfabeta.

Aprendeu com: sozinha.

b) Nome do objeto: Violeiro

Material usado: Madeira.

Nome da pessoa: José dos Santos (Zezé)

Instrumento: canivete

Idade: 31 anos

Grau de instrução: analfabeto (é excepcional)

Aprendeu: sozinho.

c) Nome do objeto: colcha

Materiais usados: algodão, lã, e tintura feita pela própria senhora.

Instrumentos: tear, cardadeira, roca, arco de bater algodão.

Nome da pessoa: Elza de Sousa

Idade: 34 anos

Endereço: Passos (MG) - Vila São Benedito

Grau de instrução: analfabeta

Aprendeu: com a mãe

A colcha pertence à: Célia Fátima de Oliveira.

2.ª PROVA:

Nome da dança: Catira

Chefe: mais conhecido por Chico Caçador
Residência: Guaraci (SP)

3.ª PROVA:

Nome do prato: pé-de-moleque

Receita: amendoim e açúcar

Nome da cozinheira: Minervina de Almeida

Idade: 84 anos.

Endereço: Rua Dr. Antônio Olímpio - Olímpia

A receita é da própria cozinheira. Ela faz esses doces há mais de 60 anos.

Grau de instrução: analfabeta.

4.ª PROVA:

Folguedo: Ciranda, Cirandinha; pelas crianças do 4.º ano do Grupo Escolar «Anita Costa».

5.ª PROVA:

Lenda dramatizada pelos alunos participantes: o Negrinho do Pastoreio.

Painel: Regina Célia Pinhata. Foi a vencedora.

Responda ou passe. — Valendo 3 pontos

Equipe 2:

1.ª PROVA

a) Nome do objeto: casa

Material: barro

Nome da pessoa: Antônia Gonçalves Vechiato.

PAINEL

Cozinha e Artesanato	Músicas - Danças Bailados	Indumentária	Linguagem	Festas e Influências Religiosas	Lendas e Superstições	Adivinhações
1	1	1	1	1	1	1
2	2	2	2	2	2	2
3	3	3	3	3	3	3
4	4	4	4	4	4	4
5	5	5	5	5	5	5

QUESTÕES DO PAINEL

1) Cozinha e Artesanato

1- Como se chama o peão que prepara o mate gaúcho?

R- Cevador.

2- Quais os condimentos mais usados na cozinha baiana?

R- Pimenta e azeite de dendê.

3- Qual o Estado brasileiro que pode ser considerado o maior centro de cerâmica popular do Brasil?

R- Bahia.

4- Quais os três instrumentos principais usados em trabalho de tecelagem?

R- Roca, fuso e tear.

5- Base da alimentação de grande proporção dos brasileiros foi outrora companheira inseparável do gentio. Quem sou eu?

R- Mandioca.

2) Música, danças e bailados

1- Que elementos se encontram na origem da nossa música folclórica?

R- Negro, índio e português.

2- Qual é o compasso da música folclórica brasileira?

R- Binário.

3- A que região do Brasil pertence o catedê ou catira?

R- Região Central.

4- Como se chamam os cantos de trabalho ligados à condução do gado?

R- Aboios.

5- Qual a Gravadora que lançou o compacto «Olímpia e seu folclore musical»?

R- Chantecler.

3) Indumentária

1- Como se chama a tira de couro que prende o chapéu do peão?

R- Barbicacho ou barbela.

2- Como se chama a tira do pano presa por um nó que o gaúcho amarra à testa?

R- Vincha.

3- Que nome recebe a capa arredondada, sem mangas, de tecido grosso ou de lã usada pelo gaúcho?

R- Poncho.

4- Em que festa as baianas ostentam suas mais belas e ricas indumentárias?

R- Senhor do Bonfim.

5- Que nome se dá ao avental de couro curtido usado do lado esquerdo pelo peão de boiadeiro?

R- Tirador.

4 - Linguagem e Literatura

1- Que nome se dá aos pequenos relatos com palavras de difícil articulação?

R- Travalínguas.

2- O que é um abecê?

R- Quadrinhas, cujas estrofes ou versos começam com as letras do alfabeto, terminando com uma referência ao til.

3- Que nome se dá aos versos para entreter ou distrair as crianças?

R- Parlenda.

4- Como se chamam as narrativas de palavras encadeadas que se articulam numa longa seriação?

R- Conto acumulativo.

5- Diga uma fórmula de jogar bola muito conhecida na nossa região?

R- Ordem, seu lugar, sem rir, sem falar, etc.

5 - Festas e Influências Religiosas

1- As folias de reis devem se constituir de grupos de homens e meninos. Certo ou errado?

R- Certo.

2- Que personagem da folia de reis serviu de motivo para cartazes de propaganda do 5.º FEFOL?

R- O palhaço.

3- Antes de Santo Antônio, qual era considerado em Portugal o santo casamenteiro?

R- São Gonçalo.

4- A dança caiapó, tendente a desaparecer, ainda sobrevive em algumas localidades paulistas. Qual é a sua origem?

R- Indígena.

5- Que nome se dá ao instrumento que os moçambiqueiros amarram aos pés para provocar ruído?

R- Gunga.

Lendas e Superstições

1- A festas de que Santo se acha ligado o mito da flor de samambaia?

R- São João.

NOTICIÁRIO

Redatores: diversos

NOSSA CAPA — Inspirada no «Cordão de Bichos» de Tatuí, o sapo, o galo e a aranha que, aí, aparecem são, apenas, pequena amostra desse folguedo, idealizado pelos operários da Fábrica São Martinho, daquela cidade irmã. No passado e no presente, ponto alto dos folguedos carnavalescos e de festanças de várias localidades, vem durante vários anos participando com real destaque, dos nossos festivais folclóricos (Fotolito cedido pela Organização Philips Brasileira, impresso em off-set pela Fotolitografia Pancrom Limitada de São Paulo).

CARTAZES

Os cartazes que são vistos espalhados, pela cidade, alusivos às festividades folclóricas foram confeccionados graças ao patrocínio dos Laticínios Flor da Nata, Sorvetes Olímpia Limitada (Bambi), Organização Philips Brasileira juntamente com a Companhia União dos Refinadores: Açúcar e Café, bem como de várias firmas e estabelecimentos bancários locais.

Alguns esclarecimentos, sobre cada um deles, serão feitos a seguir.

OLIMPEX -73 - Preparado pelo Serviço de Serigrafia L. Santos Ltda. é bem expressivo esse cartaz com que os filatelistas de Olímpia prestam a sua colaboração ao 9.º Festival de Folclore. Apresenta algumas cópias de selos emitidos pela ECT, com motivos folclóricos: carranca dos barcos do Rio São Francisco, dança gaúcha (fandango), cerâmica dos índios carajás, capoeira e bumba-meu-boi, e traz o local e os dias em que os colecionadores expõem as suas peças.

JOGOS INFANTIS - Criação de Sidiney Furlan (Nei) e do Carlos Roberto Rayel Constantino (Beto) é um cartaz que diz muito dos folguedos de nossa infância. Nele são lembrados o pião, a cobra-cega, o ovo na colher, o pau de sebo, o pega porco, o quebra pote, a bola de gude, o papagaio, a corrida no saco que com outros divertimentos fizeram a alegria dos nossos primeiros anos de vida.

CAIAPÓ - Também impresso pelo Serviço de Serigrafia L. Santos Limitada traz o effigie de Francisco Rodrigues da Silva ("Seu Chicão), caracterizado de "Caiapó".

"O Caiapó" é o tradicional folguedo popular, conhecido em São Paulo, Minas e Goiás. Porém, alguns caiapós de São Paulo são diferentes. Tratam-se dos caiapós de capim membeca, pintados de anil. Apresentam-se em São José do Rio Pardo. Vestem-se de capim e usam cocar de penas de galinha de Angola. Saem às ruas ao som de tambores, buzina de chifre, violas, conduzindo queixadas, arcos, flechas, espadas e cambuzinhos, apresentando fatos de tradição indígena.

FOLIA DE REIS - Feito pela Fotolitografia Pancrom Limitada, de São Paulo, é o cartaz da Companhia de Santos Reis (de origem baiana) da Vila São José - Olímpia, que tem por gerente o senhor Francisco Batista.

A Companhia de Santos Reis é constituída por um grupo de pessoas que sai às ruas ou pelos campos, cantando ao som de viola, caixa e pandeiro, angariando donativos para os festejos em homenagem aos Santos Reis. Quase todos os grupos apresentam "palhaços", que muitos interpretam como espiões de Herodes, posteriormente convertidos ao cristianismo. Observam-se em diversas cidades do interior paulista.

O FESTIVAL

Num país, como o nosso, rico de tradições e manifestações populares não poderia o folclore continuar entregue ao esforço isolado de alguns curiosos ou a eruditos que sozinhos o pesquisavam e divulgavam.

Foi com a exata consciência do valor da cultura popular que o governo federal baixou o Decreto n.º 56747, de 17 de agosto de 1965, instituindo a celebração do dia do folclore em 22 de agosto.

Coincidentemente, os festivais folclóricos de Olímpia tiveram início naquele mês e ano. Quando a 27 de junho de 1967, o governador Abreu Sodré, assinou o decreto n.º 43310, estabelecendo agosto como o "Mês do Folclore", já se preparavam os festejos do 3.º Festival da cidade.

As apresentações e festividades de toda ordem que se promovem, no mês próprio, não visam apenas a assinalar a data, mas ainda incentivar e proteger os grupos folclóricos, difundir a "cultura espontânea da gente dos campos e da cidade", contribuindo para a sua preservação.

A prova de que ninguém mais duvida da importância do folclore, quer como atração turística, quer pelo aspecto cultural, está na cooperação que o Prof. José Sant'anna e a Comissão Executiva do 9.º Festival: Sidiney Furlan, Carlos Roberto Rayel Constantino, Cláudio Martini Gemignani, Egydio Caputo, João Gianotto, José Maria de Jesus Marangoni, Silvio Roberto Mathias Netto, Homero Rayel Constantino, e Rubens Ribeiro de Souza, vêm recebendo de nossas autoridades, de conhecidas e graudes firmas comerciais de São Paulo e da cidade, bem como da mocidade das escolas e de todo o povo.

No ano corrente, o Prof. José Sant'anna, criador dos festivais e coordenador, além de contar com o trabalho incansável daquela valerosa equipe de colaboradores, vem tendo decidido apoio do prefeito Municipal, Dr. Alfonso Lopes Ferraz, do governador Dr. Laudo Natel, do Secretário de Cultura, Esportes e Turismo, Dr. Pedro Magalhães Padilha e seu chefe de gabinete, Dr. Aldo Louço, do Dr. Paulo Lébeis Bomfim, Secretário da Diretoria-Executiva do Conselho Estadual de Cultura aos quais devemos acrescentar, num preito de gratidão, os no-

nes dos Drs. Paulo Teixeira de Camargo, Av.
mino Novaes Teixeira e de Vera Sales de Car-
alho.

De igual modo, queremos registrar,
qui, os nossos sinceros agradecimentos ao Dr.
Henri Couri Aida, Chefe da Casa Civil do Go-
verno de São Paulo, à Prof.^a. Elza de Lima Neves,
secretária da Comissão Estadual de Folclore,
ao Dr. José Maria Leal Costa Neves, Chefe de
Gabinete do Secretário da Assembléia Legisla-
tiva de São Paulo, Dr. Waldemar Lopes Ferraz.

No trabalho de divulgação, a nossa
grande festa, teve a participação do Estado de
São Paulo, Folha de São Paulo, Diário de São
Paulo, Tablóide da Nova Paulista, Jornal da
Cidade, T V Tupi - Canal 4, T V Cultura - Canal 2,
Rádio Difusora Olímpia, Campanha de Defesa
do Folclore Brasileiro e Associação Brasileira
de Folclore.

Essa propaganda da Imprensa, do Rádio
e da Televisão trouxe, como sempre à nossa
terra, inúmeras pessoas desejosas de apreciar,
talvez, a mais original e pitoresca das nossas fes-
tas populares.

Para esses visitantes, que Olímpia re-
cebe de braços abertos, um sem número de
apresentações curiosas foram meticulosamente
preparadas.

O programa variado e vasto consta de
Exposição folclórica, Exposição - feira de artesa-
nato, Exposição filatélica, Danças folclóricas,
Músicas folclóricas, Folguedos populares, Brin-
quedos tradicionais, Concursos literários sobre
folclore, Maratona intelectual, Desfile de grupos
folclóricos, Desfile alegórico de projeção folcló-
rica e muitas outras atrações.

As danças parafolclóricas serão orien-
tadas pelas professoras Maria Aparecida de
Araújo Manzolli e Elsa Maria Pereira da Cunha.

O desfile de projeção folclórica foi
organizado pelas professoras: Neves Manfré
Santos e Maria Giuseppe Scura de Almeida, asses-
soradas por um grupo de professores dos diver-
sos estabelecimentos de ensino e a quarta ex-
posição Filatélica, preprada pelo presidente do
Clube Filatélico de Olímpia, Éden Eduardo Pereira.

Para nossa maior satisfação e alegria,
Olímpia hospedará nesses dias festivos a Prof.
Dr.^a. Esther de Figueiredo Ferraz, Secretária de
Estado dos Negócios da Educação, escolhida por
unanimidade "Madrinha do 9.º Festival de Fol-
clore de Olímpia".

Fará parte da comitiva da ilustre con-
vidada visitante a Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes
Freire de Souza Machado, Diretora da 8.ª Divi-
são Regional da Educação, que muito nos hon-
ra também com a sua presença.

Resta-nos desejar a quantos aqui vie-
rem e a toda a nossa gente que guardem 'do 9.º
Festival do Folclore, a mais grata das recorda-
ções e manifestar o nosso mais profundo reco-
nhecimento a todos aqueles que cooperaram pa-
ra o inteiro êxito da festa que constitui a mais
expressiva tradição de Olímpia.

Honroso Offcio

No decorrer do mês de julho p. p.,
quando dávamos os primeiros passos para a or-
ganização do 4.º número do «Anuário de Folclore»,
solicitamos a colaboração do Dr. Renato Almei-
da, nome nacionalmente conhecido.

A resposta chegou-nos às mãos quan-
do a revista, em fase de impressão, já se
encontrava em seu final, mas ainda assim não
queremos privar os nossos amigos da leitura do
amável ofício, que nos dirigiu, em forma de men-
sagem cheia de estímulo, de sabedoria e beleza.

Ministério da Educação e Cultura

Of. 303/73

Em 06 de agosto de 1973

Do Diretor-Executivo da Campanha de
Defesa do Folclore Brasileiro. Ao Dr. José Sant'
anna — Conselho Municipal de Cultura da Pre-
feitura Municipal de Olímpia — Olímpia — SP

Assunto: Mensagem aos Folcloristas e
ao Povo de Olímpia

Prezado Senhor:

Acuso recebimento de seu ofício de
3 de julho, no qual me convida para colaborar
no «Anuário de Folclore» — 1973 — organizado
por essa Comissão e para a realização do 9.º
Festival de Folclore.

Lastimo não poder comparecer a essa
festividade, que seria tanto de meu agrado, para
expressar aos folcloristas de Olímpia, as minhas
congratulações, pelo seu esforço constante e bri-
lhante em favor da nossa cultura popular, real-
çando seus méritos e destacando os valores da
obra do gênio do povo dessa terra.

O folclore vai ganhando dia a dia mai-
or destaque na vida brasileira, quer pelo desen-
volvimento de suas atividades, quer pelo relevo
de suas iniciativas, de tal sorte que a obra con-
suetudinária do povo ganhe um sentido particu-
lar, para revelar a capacidade criativa e para
destacar, pelo seu estudo e conhecimento, o va-
lor exato no complexo da sabedoria tanto da
gente humilde, quanto dos eruditos, numa cons-
tante e pertinaz tenacidade, que exalte o méri-
to de seus cultores e o significado de seus va-
lores.

Solidarizo-me, pois, com franco entu-
siasmo pela iniciativa de Olímpia, almejando
que o brilho de seus trabalhos se torne de mais
a mais, uma afirmação de amor à criação popu-
lar e um instrumento de desenvolver em cons-
tante amplitude o que faz o povo, realçando-lhe
seus valores e apontando essa obra como um
esforço de patriotismo e de amor à terra, nas
suas expressões mais humildes e na convergên-
cia para destacar o talento, a arte e o engenho
popular.

Recebam, pois, meus votos mais sincer-
os pelos triunfos, que honram o povo da terra
e o elevam a uma concepção que a todos hon-
ra e eleva o nome da Pátria.

a) **RENATO ALMEIDA**
Diretor - Executivo

Constaram do Desfile do Folclore Autêntico:

Terno de Congo de São Sebastião do Paraíso, Terno de Congada de Patrópolis, Terno de Congada de São Tomás de Aquino, Terno de Moçambique de Itamoji, Terno de Moçambique de Ibiraci, Terno de Moçambique de Guardinha (estes todos de Minas Gerais), Auto do Bumba-meu-boi de São Luis (Maranhão), Reisado de Teresina, (Piauí), Capoeira, Maculelê, Puxada de Rede de Xaréu e Samba-Lenço (de São Paulo - Capital), Cordão de Bichos de Tatuí, Terno de Congo de Altinópolis, Terno de Congo de Santo Antônio de Alegria, Terno de Moçambique de Santo Antônio de Alegria, Terno de Violão de Barretos, Terno de Catupé de Barretos, Esquadrão de Catira de Paulo de Faria, Cateretê de Tupã, Grupo de Fandango de Sorocaba, Caiapó de São José do Rio Pardo, Folia de Reis de Altair, Folias de Reis de Taquaral, Folia de Reis de São José do Rio Preto, Folia de Reis de Bebedouro, Folia de Reis de Guaraci, Dança de São Gonçalo, Terreiro de Umbanda "Caboclo Jaguaré", Cavahada, Quadrilha (Distrito de Ribeiro dos Santos), Campanhias de Reis: "Miranda - Vila São José", "Fernandes - Jardim Paulista", "Garcia - Bairro São Benedito", "Batista - Vila São José", "Santos I - Vila São José", "Rocha - Vila São José", "Ferreira - Jardim Santa Ifigênia", "Gomes - Sítio São Francisco", "Santos II - Jardim Santa Ifigênia", etc.

O maior espetáculo movimentado e colorido do Folclore Brasileiro.